



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEORIA LITERÁRIA

GÊNERO, CLASSE E ETNIA EM
AS MULHERES DE TIJUCO PAPO

ALEXSANDRA MARIA FERREIRA DA SILVA

BRASÍLIA
ABRIL DE 2007



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEORIA LITERÁRIA

ALEXSANDRA MARIA FERREIRA DA SILVA

GÊNERO, CLASSE E ETNIA EM
AS MULHERES DE TIJUCO PAPO

Dissertação de mestrado apresentada ao Departamento de Teoria Literária e Literaturas da Universidade de Brasília, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Teoria Literária.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cíntia Schwantes.

BRASÍLIA
ABRIL DE 2007

TERMO DE APROVAÇÃO

ALEXSANDRA MARIA FERREIRA DA SILVA

**GÊNERO, CLASSE E ETNIA EM
AS MULHERES DE TIJUCOPAPO**

Dissertação defendida e aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Programa de Pós-Graduação em Teoria Literária e Literaturas da Universidade de Brasília, a 23 de abril de 2007, pela banca examinadora assim constituída:

Professora Doutora Cíntia Schwantes

Orientadora

(Universidade de Brasília – Brasília/DF)

Professora Doutora Cristina Maria Teixeira Stevens

(Universidade de Brasília – Brasília/DF)

Professora Doutora Tânia Regina Oliveira Ramos

(Universidade Federal de Santa Catarina – Florianópolis/SC)

AGRADECIMENTOS

A Deus, pelo cuidado precioso!

À minha orientadora, Cíntia Schwantes, pela orientação em amizade, carinho, paciência, simplicidade, inteligência e humanidade em me orientar nesse trabalho.

À minha família: especialmente aos meus pais – mamãe: onde aprendi que há coisas mais profundas que o tempo e a distância. Papai (*in memoriam*): dentre tantos ensinamentos, deixou-nos o valor dos estudos. Irmãos: preciosidade por toda vida!

À Dora Duarte, pela doçura e paciência em nos receber, a despeito de nossas ansiedades em tempos difíceis de uma pós-graduação.

Aos professores do departamento de pós-graduação em Teoria Literária e Literatura Brasileira da UNB, pelos ensinamentos indispensáveis ao desenvolvimento dessa pesquisa.

À Eliane T. A. Campello e Susana Souto, por alargarem minha visão de Literatura Feminista.

Às amigas queridas: Amanda Luz, Roseli Palissari e Márcia Morette pela presença constante. Amo vocês!

Às colegas de pós-graduação que se tornaram amigas: Cláudia Quermes e Elen Gonzaga.

Finalmente, aos meus alunos da escola Agrovila de São Sebastião - DF, especialmente as minhas alunas – mulheres lindas e fortes! Vocês me tornaram mais sensível à causa das mulheres e homens que vivem à margem do sistema de nosso país.

DEDICATÓRIA

A Jesus Cristo, meu Pai, a quem eu tanto amo!

À minha irmã, Cláudia Goulart – pelo apoio incondicional e por acreditar!



CAMILLE CLAUDEL, A Onda, 1893

É difícil até acreditar que serei capaz de ir até o fim. Pouca gente foi. E isso torna tudo mais árduo. Além de que, essa pouca gente que foi não deixou passos, uma trilha feita. Mas nenhuma trilha feita me serviria também. Devo abrir a cortesia minha própria trilha na mata, devo fazê-la eu só. Trilha nenhuma outra me serviria. E isso torna tudo muito mais árduo.

MARILENE FELINTO

SUMÁRIO

INTRODUZINDO O DEBATE.....	09
RÍSIA: DESCONSTRUÇÃO DO FEMININO	21
(RE)CONSTRUÇÃO ÉTNICA	44
RESISTÊNCIA À SUBALTERNIDADE.....	62
FINALIZANDO O DEBATE.....	84
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	93
ABSTRACT	99

RESUMO

Essa dissertação de mestrado procurou analisar a representação do feminino em *As Mulheres de Tijucoapo*, de Marilene Felinto. O romance, escrito em 1982, aponta para o questionamento de uma ideologia hegemônica nas três identidades sociais: a de gênero, a étnico-racial e a de classe. A hipótese é que considerando-se a coexistência de múltiplas identidades – de classe, de gênero e étnica - , a identidade da narradora- protagonista, Rísia, se constrói/ destrói/ reconstrói nos processos vivos do acontecer das relações familiar e social. A análise dessa obra, problematizada sob a perspectiva feminista, possibilita uma discussão sobre a construção da identidade do feminino acrescida das questões de classe, etnia, dentro do contexto de uma modernização conservadora. A análise do romance abre espaço para a discussão da Mulher que, a despeito de sua posição marginalizada em uma organização social assentada na hierarquização de lugares sociais e na desigualdade entre os gêneros masculino e feminino, é capaz de introduzir cunhas no poder hegemônico.

Palavras-chave: Gênero - Feminismo - classe - etnia.

INTRODUZINDO O DEBATE

O objetivo desta dissertação de mestrado é analisar a representação do feminino em *As Mulheres de Tijuco Papo*, de Marilene Felinto, lançado em 1982. Este romance abre-se para uma discussão sobre a identidade feminina, cuja constituição é marcada fundamentalmente pelo gênero, etnia e classe.

Para isto, a minha ótica volta-se para Rísia – narradora-protagonista, – a qual verbaliza o processo de (re)construção identitária feminina apresentada na narrativa.

No romance, a protagonista Rísia é uma mulher em busca de respostas, sendo que, para obtê-las, necessita (re)fazer o caminho de volta, pois uma possível identidade o [passado parece guardar]. Essa faceta de se voltar para o passado em busca de algo é relevante e significativa para a compreensão da obra, visto que:

O olhar para o passado se inscreve no processo de busca da identidade. Porque a identidade não pode evitar uma referência aos gestos que modulam o cotidiano. (OLIVEIRA, 2000).

E é viajando pelo tempo, através do espaço psicológico da narrativa, e amargurando duras palavras, que a personagem transita pela obra cujo

propósito maior é encontrar a si mesma e (re)construir uma identidade desvinculada da ordem socialmente imposta.

Desta forma, a leitura dessa obra leva a uma reflexão sobre como ser Mulher sujeito da e na sua história no tripé relações de gênero com primazia masculina, racismo contra o negro e exploração-dominação de uma classe sobre a outra. As formas sutis de exclusão social, de gênero e étnica problematizam uma das mais espinhosas questões: como é possível para uma mulher sair da condição explorada-dominada? Quais são as armas desse sujeito feminino, convencido de que a legitimidade da ordem social implantada não é a única realidade possível e, por isso, deseja (re)construir uma identidade que não se submete às regras sociais pré-estabelecidas?

Pois Rísia tem a sua identidade articulada a partir de um processo de identificação social e familiar onde é preciso primeiro negar e renegar. Negar pai, mãe, tia, amigas, em especial todas as pessoas cuja herança representa mulheres oprimidas, secas, sem vida, fracas. É preciso renegar São Paulo e tudo que não representa a sua cultura de origem, haja vista sua condição de migrante nordestina.

Uma vez negando o que não a completa e com o qual não se identifica, a busca pela outra face do espelho volta-se para tudo que representa a força, espelhando-se em mulheres onde a personagem vê refletida a coragem. Mas, mesmo quando a imagem não corresponde à expectativa – a coragem das mulheres guerreiras de Tijucoapapo –, Rísia ganha em crescimento pessoal, visto que, não ocorrendo uma identificação, a personagem acaba ratificando

as outras identidades construídas ou em processo de construção, tanto em nível social (identidade social) quanto psicológico. Em outras palavras, não assimilando o que não lhe é reconhecível, ela se volta e reafirma uma identidade já conhecida para ela ou, alternativamente, construindo uma identidade até então desconhecida. O importante é que acaba construindo a sua própria identidade.

Mas a identidade da personagem não se constrói somente através da força. A princípio, a força, expressada pelo discurso irado, só existe para dar origem e acabamento à construção da identidade. E há durante o processo de formação a revelação da fragilidade, suavidade e da reserva fria e distante, assimilada pela perda. Além da combinação da força com o lado frágil, suave, coabitando harmoniosamente.

Refletir sobre essa temática é mais uma forma de ampliar o conhecimento a respeito do sujeito feminino. É, também, uma tentativa de pensar em um resgate da individualidade da mulher enquanto ser humano, visto que, na ordem patriarcal, ela é destinada ao espaço privado (doméstico, lugar de reprodução).

Porém, além de outras implicações, trata-se de pensar sobre a condição da mulher negra, desfavorecida economicamente e que deseja romper com os estereótipos legitimados. O desafio, assim, é anunciar algo novo para problematizar o imbricamento das relações de gênero, de etnia e de classe.

Trata-se de desafiar os fios dessa teia, a partir do olhar de uma estudiosa feminista. Assim, como mulher comprometida com a construção de uma nova ordem societária, busquei na literatura contemporânea, de autoria feminina, uma narrativa que desse voz à mulher da periferia das grandes cidades, descortinar a complexidade da dinâmica social e da ação dos sujeitos sociais, revelando o caráter multidimensional e hierárquico das relações sociais e a existência de uma grande heterogeneidade de campos de conflito.

A tentativa de articular a temática das relações de gênero e classe à das relações étnicas é bastante instigante, seja no terreno acadêmico, seja no plano do debate e da prática política. Mas, ao mesmo tempo, é um esforço muito audacioso.

A intenção, desse modo, é examinar as relações descritas acima, a partir de suas interconexões recíprocas e contraditórias, no seu movimento e constante transformação. Não é, portanto, um discurso asséptico sobre outras mulheres, mas parafraseando Saffioti, ... *uma maneira feminista de fazer ciência*. É uma narrativa sobre nós mulheres. Logo, sou parte do universo pesquisado. Ao longo de todo o trabalho de leitura e escrita, cresci como ser humano e sensibilizei-me mais ainda pela condição da mulher que se encontra à margem.

Para concretizar o objetivo desse estudo abordarei antes assuntos ligados à problemática da identidade feminina. Essa questão me levou a pensar na construção da identidade do sujeito e na constante reelaboração do

eu feminino, em permanente processo de construção/desconstrução/reconstrução subjetiva, as determinações sócio-históricas definidas a partir da articulação gênero/classe/etnia constituídas em um campo de forças.

Tal pensamento levou-me a observar que a socialização feminina e de negros para a submissão, a suposta supremacia dos homens e dos brancos, a capacidade biológica da mulher de ser mãe, a força física dos homens, a divisão sexual do trabalho, o escravismo, a divisão público *versus* privado, as determinações econômicas do modo de produção capitalista e outros elementos relacionados a estruturas específicas são, antes, elementos concorrentes e não explicações definitivas ou causas últimas *da configuração contemporânea das relações sociais*. Não há, portanto, um “*modelo gerador*”, nas palavras de Lefebvre (1976). A atribuição de uma “*causa suficiente*”, por mais abrangente que seja a teoria, constitui uma postura simplificadora e não apreende a heterogeneidade das relações sociais, uma vez que os sujeitos que as produzem e reproduzem têm como principal característica constituírem-se como pluralidade multifacetária.

Penso que qualquer esforço de apreensão dos sujeitos das relações sociais deve observar a conexão da estrutura social com a história, observando aquilo que Connell denomina *o inventário dos aspectos estruturais* em jogo em uma dada situação (1987). Os indivíduos são definidos como pertencentes a esse ou aquele pólo das relações sociais, por atribuição com base no nascimento e tendo como critério os quesitos classe, sexo, etnia,

nacionalidade ou outras condições dadas a partir do nascimento. A alquimia desses quesitos define diferentes lugares sociais, com seus respectivos *status* e condições de distribuição de poder, geradores de distintos tipos de desigualdade.

N'As *Mulheres de Tijuco* evidencia-se a questão da identidade. O olhar investigativo sobre a narrativa e sua relação com a questão de construção/desconstrução/reconstrução da identidade do sujeito feminino, corporificando o retrato literário da protagonista do romance, fulcro da investigação proposta, é a própria busca de se compreender a complexidade de uma personagem que lutar pra sair da margem. Esse olhar amplia-se a uma leitura do narrador – porta-voz da arte Felintiana que me conquistou enquanto leitora com a maestria de sua palavra – como expressão poética e densa, no texto.

Assim, pretendo mostrar, neste trabalho, que a configuração da subjetividade que se apresenta na obra em estudo pressupõe uma consciência enraizada nas práticas institucionalizadas, mas capaz de compreender a condição social à qual tem sido submetida e, assim, luta no intuito de se fazer mulher e buscar uma individualidade desvencilhada do espaço simbólico do engendramento na ordem de gênero, classe e etnia.

Desta forma, uma abordagem sobre a Construção da Identidade de gênero, abre o Capítulo Um. Utilizei o conceito de Tecnologias de Gênero desenvolvido por Teresa de Lauretis, como instrumento para discutir a formação identitária da protagonista, Rísia. Este conceito é importante para

lançar luz nas análises na interpenetração dos eixos gênero, etnia e classe. O propósito, desta forma, é decifrar esta complexa teia a partir dos próprios modos de dizer feminino na obra em análise e sua relação com a questão identitária.

Assim, teci um diálogo com dois níveis de análise: o do gênero enquanto construção ou categoria de pensamento – o qual nos ajuda a entender modos sociais particulares; e o do gênero como relação social – que pode ser entendido por meio da investigação dos significados masculino e feminino. Teóricas e teóricos como Jane Flax, Rita Segato, Homi Bhabha, Joanne Frye, Antônio Ciampa, Linda Hutcheon, Gigliani, Badinter entre outros me ajudaram a entender, que a identidade como totalidade dialética de contrários, está em constante movimento. Em outras palavras, a identidade de gênero corresponde a processos de identificação, necessariamente dinâmicos e contraditórios (sempre em cursos abertos), forjados pela hierarquização das diferenças percebidas/sentidas no interior das relações sociais de poder antagônicas.

No capítulo dois, investiguei as clivagens etnia/gênero presentes na narradora-protagonista. Apoei-me nas reflexões de Stuart Hall sobre os conceitos de etnia e raça. Tais conceitos me ajudaram a problematizar a questão da identidade da mulher negra brasileira.

A etnia também marca a construção da identidade. Desta forma, percebi que a identidade étnica é construída contrastivamente. Ela marca a

construção de uma identidade individual e de grupo e que surge por oposição, pelo estigma que um determinado grupo social recebe historicamente.

Assim, à medida que conheci o percurso de Rísia, sua busca por uma identidade contrária aos estereótipos dominantes, teóricos que dissertaram sobre as identidades sociais e etnicidade me deram suporte para investigar as práticas e formações discursivas que constituem o caminho subversivo da narradora-protagonista.

Portanto, transitando pelo instrumental crítico-teórico condizente com a estrutura de *As Mulheres de Tijucoapapo*, iluminei-me, além de Stuart Hall, com nomes como Elisabeth Mercadante, Erick Eriksen, Peggy Lovell, Matilde Ribeiro, Carlos Hasenbalg, entre outros. Estes me fizeram perceber que esses espaços subversivos são capazes de solapar o tripé capitalismo, sexismo e racismo no qual se sustentam as desigualdades de classe, gênero e etnia. E, o mais importante, podem construir novas bases de relações sociais fundadas no respeito aos direitos humanos e às diferenças, como base para a equidade.

Assim, o discurso de Felinto recupera e leva o leitor a decifrar, desvelar o sujeito feminino, Rísia, possibilitando o desenho de sua identidade. Descortina seus segredos, às vezes, de modo paradoxal, desconexo e fragmentário, unidade de contrários, desestabilizando o pensamento cartesiano. É um convite ao leitor a pensar numa nova maneira de ver a clivagem gênero/etnia, pensando no e a partir do entrejogo de semelhanças e diferenças é que se constroem/desconstroem as identidades.

A história de Rísia nos vem em flashes: a infância pobre no Recife, morando em um bairro de periferia e vendo as desigualdades de gênero se somarem às de classe na vida das mulheres da vizinhança, que apanhavam dos maridos e logo depois faziam sexo com eles. A menina Rísia se revolta com ambas as formas de discriminação, e a elas se somará uma terceira, quando a família migra, como tantas outras famílias nordestinas, para São Paulo. Lá, discriminada também por sua origem étnica, Rísia não obstante consegue um emprego com um bom salário, tão alto quanto o do pai, e faz amizades entre os membros da intelectualidade (por conseguinte da classe burguesa) da cidade. Apesar disso, Rísia não corta seus laços com as mulheres sofridas de seu passado. É por isso que, no terço final do romance, o registro, até então realista, muda para o fantástico, à medida que a protagonista embarca em uma viagem de re/conhecimento, em busca de raízes que, embora não sejam diretamente suas, estão em seu passado. Rísia vai em busca de Tijucopapo, em busca de um passado onde ela possa se reconhecer, que não seja só de mulheres infelizes, privadas e vilipendiadas como a mãe, como as vizinhas. Rísia busca um destino diferente para si mesma e para isso precisa de um modelo, as mulheres guerreiras de Tijucopapo.

No capítulo três iniciei um debate sobre a clivagem gênero e classe. Apoiei-me no pressuposto de Pierre Bourdieu com relação à sociedade de classe - onde procurei compreender e dissecar esse mecanismo no discurso de Marilene Felinto. Penso que debater sobre a construção da identidade

feminina, sem problematizar a questão de classe social é ignorar o fato que o gênero é modificado pela classe.

Assim, refletir sobre a relação mulher/classe é inevitável ao ler o romance de Felinto. Quando Rísia narra as memórias de sua infância, ela percebe sua diferença social, e as relata para recuperar este fato significativo na sua vida e que agora emerge em sua identidade.

Cabe destacar aqui que, na busca de uma identidade, a representação se constrói a partir das relações eu/outros, expressando a participação singular dos sujeitos, bem como seus pertencimentos no plano do particular, em termos das identidades sociais históricas de classe, etnia e gênero, mediadas pela cultura oficial em disputa com a dos subalternizados em um eterno processo de estes se refazerem enquanto sujeitos da sua história.

Desta forma, a análise de Bourdieu deu-me suporte para pensar que o ordenamento social se assenta em diferenças convertidas em hierarquização e desigualdade. Percebo que as três contraposições básicas da sociedade – classe, gênero e etnia – operam de forma alquímica, instituindo um campo de poder simbólico que define práticas sociais, modos de agir e pensar. Esta construção social faz introjetar um conjunto de símbolos culturais que definem um em relação ao outro e cada um, particularmente, em relação ao sistema.

Reflexões mediadas pela leitura não só de Pierre Bourdieu, mas de teóricos tais como Néstor García Canclini, Margareth Rago, Linda Hutcheon, Julia Kristeva, etc, embasaram análise dos elementos que ressignificam o

sujeito que está inserido em uma relação de classe/gênero/etnia. A constituição do laço social é engendrada a partir destas marcas.

A ficção de Felinto traz a personagem Rísia como migrante nordestina que veio para São Paulo com a família em busca de melhores condições de vida. Vai enfrentar a situação extrema na realidade precária da grande cidade como mulher nascida na margem, mas que não se conforma com o estigma que lhe conferem. O texto de Marilene Felinto alude também, com igual intensidade, à questão colonialista interna sofrida por regiões que perderam seu espaço de poder econômico, político e social. Neste caso, o Nordeste que vive uma colonização diferenciada, exposta nos rótulos discriminatórios com que os outros compatriotas relegam pejorativamente os nordestinos migrantes no sudeste e que sintomatizam a posição de inferioridade a que são relegados.

Rísia sabe da colonização social e cultural, mas principalmente econômica, que sofreu sua região. Por isso quer fazer a revolução para invadir São Paulo e punir os responsáveis por sua infância vilipendiada. Sente-se, nesta cidade denunciada pela personagem, o desejo revolucionário de rearticular movimentos que hoje se manifestam através dos micro-movimentos que invadem a cena política: o movimento dos sem-terra, das mulheres, estes metropolitanos em trânsito que lutam por uma respeitabilidade pública e cidadania digna.

O grito revolucionário da personagem parece querer reforçar a voz das minorias, principalmente das mulheres postas à margem – objeto dessa

investigação – a se unirem por uma “causa justa”. Mulheres que se posicionem seja na fronteira ou na margem, para adquirirem uma perspectiva diferente.

Por isso ela abandona São Paulo, família, amigos; para anular o seu passado oprimido e não perder um futuro [em] ... *que tudo me termine bem*. (p.137) Em busca de uma identidade contrária da ordem social implantada, procura simultaneamente um projeto coletivo que a salve da engrenagem patriarcal. Por isso segue por um *caminho de babaçus, mocambos e sol árido*, a caminho do agreste onde espera encontrar *As Mulheres de Tijucoapapo* porque lá será possível:

... Tijucoapapo, um dia onde o entardecer podia ser o que fosse que seria sem traições, sem safadezas nem histórias perdidas como as daquelas cidades como São Paulo, um dia em que, sentada no rochedo, eu escutava o choro da madeira vir do quintal de minha casa branca na colina verde... (p.94)

Por fim, a fortuna crítica sobre esse romance ainda é injustificadamente restrita, como pode se verificar na bibliografia ao final dessa dissertação. Durante a escritura desse trabalho, tive conhecimento da existência de uma dissertação de mestrado, defendida na Universidade Federal do Ceará, sobre o mesmo romance; no entanto, não tive acesso a ela, pois ainda não havia sido disponibilizada na biblioteca da instituição. Assim, espero que essa pesquisa ajude a diminuir essa carência bibliográfica.

RÍSIA: DESCONSTRUÇÃO DO FEMININO

*Ando à procura de espaço
para o desenho da vida.
Em números me embaraço
e perco sempre a medida.
Se penso encontrar saída,
em vez de abrir um compasso,
protejo-me num abraço
e gero uma despedida.*

CECÍLIA MEIRELLES, Canção Excêntrica

A obra de Felinto permite refletir sobre a questão de identidade na perspectiva da análise de gênero. Uso aqui o gênero como o significado social, cultural e psicológico imposto sobre a identidade sexual biológica.

É diferente de sexo (entendido como identidade biológica: macho/fêmea) e é diferente de sexualidade (entendida como a totalidade de orientação, preferência ou comportamento sexual de uma pessoa). (LAURETIS, 1994).

Enquanto conceito vinculado ao processo de significação, o gênero não está separado do contexto ideológico, onde são articuladas outras categorias como classe e etnia. Como salienta Teresa de Lauretis, o gênero representa não um indivíduo, mas uma relação social.

As pesquisas sobre a identidade do sujeito feminino se desenvolveram a partir da confluência de dois caminhos: o movimento feminista, que conferiu uma dimensão política ao privado, e a criação da categoria “gênero” (SCOTT, 1989), os debates decorrentes legitimaram o espaço para a questão nos meios acadêmicos.

Esta categoria permite a desconstrução dos diversos discursos normativos sociais, nos diferentes tempos históricos, os quais definiram o ser homem e o ser mulher, a partir dos destinos biológicos prefixados. Gênero se define como uma rede de crenças, atitudes, sentimentos, valores, condutas e atividades que diferenciam homens e mulheres. Tal diferenciação é produto de um largo processo histórico de construção social que não somente gera diferenças entre os gêneros masculino e feminino como, também, estas diferenças implicam desigualdades e hierarquias entre ambos.

É importante afirmar que o conceito de gênero, como categoria de análise, possui sempre a qualidade relacional: nunca aparece de forma isolada, sempre marca a sua conexão com o gênero masculino, além de sua conexão com outras categorias como classe e etnia, conforme irei discutir nos capítulos posteriores. Todas estas categorias se entrecruzam de maneira dinâmica na construção de nossa subjetividade. Portanto gênero nunca aparece por si mesmo.

Jane Flax, refletindo sobre o Pós-Modernismo e Relações de Gênero na Teoria Feminista, diz que as categorias de gênero são *relacionais*, isto é, referem-se a um determinado processo social em determinada época e local.

Caracterizam-se por atribuições, traços e capacidades diferenciadas nas quais foram criadas: homem e mulher – categorias apresentadas como excludentes. Nessa relação, o homem detém o controle, o poder, legitimado por meio dos discursos e das práticas sociais. Este costuma ser visto como livre das relações de gênero ou não-determinado por elas. Na medida em que a retórica feminista define sua problemática como a “mulher”, ironicamente privilegia o homem como não-problemático.

Outro ponto que se destaca é que as concepções de gênero são transformadas, enraizadas historicamente, de forma dinâmica. Isto significa que gênero é uma categoria sócio-histórica que se constrói de diversas maneiras em distintas culturas.

Penso que a arte literária permite ver os diferentes modos de enunciação das mulheres, bem como as diferenças entre os processos de singularização, explicitando, portanto, as tensões e os conflitos entre estes processos, que vão sendo construídos com base na categoria gênero.

Entendo o gênero como a experiência fundante que organiza o mundo, inclusive o universo biológico. É um registro no qual nos instalamos ao ingressar numa cena, numa trama de relações. (SEGATO, 1998). E essa posição é indicada pelo discurso. Lauretis (1989) afirma que:

O gênero não é um ponto de partida no sentido de ser uma coisa determinada, mas é uma postura ou construção, formalizada de maneira não arbitrária por uma matriz de hábitos, práticas e discursos. Mais ainda é uma interpretação de nossa histórica dentro de uma particular constelação discursiva, uma história em que somos sujeitos de e sujeitos da construção social. (p. 150)

Gênero, portanto, é um conceito que pertence ao domínio da subjetividade e da ordem simbólica. Trata-se de um componente inseparável do ego, superego e ideal de ego, ou seja, na infância, enquanto constituímos e nos identificamos com os ideais, também nos constituímos e nos identificamos com o gênero e, por meio da memória, entramos em contato com estes processos que foram sendo construídos.

Aplicando esse conceito ao corpus em estudo, posso afirmar que Rísia é fruto de uma estrutura patriarcal da qual tenta e já consegue se desvincular. Ela viaja pelo espaço físico e temporal, e esta viagem tem destino certo: o passado. Lá Rísia poderá *conhecer o lugar onde minha mãe nascera, Tijucoapapo, para descobrir se eu sou mesmo feita de lama.*(p.114).

A lama simboliza a profundidade à qual ela se propõe a ir (barro-origem). Para renascer a partir daí. Da mesma forma que negar e renegar a 'herança' familiar pode ajudá-la no processo em que se encontra: *Depois me lembro que não sou nada. Que sou pessoa com ódio.* (p.36).

A personagem, consciente dos papéis de gênero reservados aos homens e às mulheres do seu convívio, busca desconstruir o modelo patriarcal, uma vez que percebe a alienação da mãe: *Mamãe não via nada. O bucho subia-lhe à altura dos olhos. (...) Mamãe me cansava de indiferença, mamãe era uma merda.* (p.24)¹.

¹ Nota: Todas as citações utilizadas neste trabalho foram retiradas da 1ª. Edição de As Mulheres de Tijucoapapo, publicada pela Editora 34.

É necessário levantar aqui uma questão: a leitura que Rísia faz das mulheres do seu convívio denota uma recusa aos papéis tradicionais e reconhecimento das diferenças. Isto traz, sutilmente, uma das mais intrincadas questões das relações de gênero. Aqui estão imbricados dois conceitos diferentes. Geralmente, quando se fala em “diferença sexual”, estabelece-se uma universalização do conceito do que seja masculino e feminino, sem levar em consideração as diferentes experiências vividas por mulheres e Mulher, *isto é, diferenças entre mulheres, ou talvez, as diferenças nas mulheres*. (LAURETIS, 1994). Como complementa a teórica, não é só a diferença que constitui o sujeito no gênero, mas também os códigos lingüísticos e as representações culturais, tornando-o um *sujeito múltiplo em vez de único, contraditório, em vez de simplesmente dividido*. (LAURETIS, 1994).

Apropriando-me do termo gênero como conceituado previamente, penso em Rísia como um sujeito feminino que, diferentemente da mulher inserida no espaço cultural patriarcal, se propõe a sair pela estrada para resgatar sentimentos e a sua individualidade enquanto sujeito da/na sua história:

Sou uma mulher indo sozinha pela estrada (...) não vou desrespeitar jamais a menina que existe dentro de mim. (...) Pois eu posso transformar o mundo a lápis de cera. Vou pintar uma revolução. (p.99 e 100).

Desta forma, Rísia é uma mulher em busca de si mesma e, nessa busca, embrenha-se em uma viagem. Encontra-se em trânsito durante todo o percurso da narrativa. Em plena estrada, pois a protagonista está indo de

volta para Tijucopapo *porque quero ver se sei*. (p.26). Essa busca tem na construção da identidade uma valiosa ferramenta, uma vez que vai possibilitar à Mulher Rísia tornar-se sujeito e atuar na sua própria história.

Assim, Marilene Felinto tece uma narrativa em que é possível perceber *as diferenças entre mulheres*, como salientou Teresa de Lauretis. A protagonista vive na contradição de conviver com mulheres sujeitas às estruturas patriarcais: – *mulheres de mentira, prostitutas que, como minha mãe, dormiam com meu pai de noite tendo sido surradas por ele de manhã* (p.129) mesclada à percepção de uma Mulher como sujeito, desnaturalizada das práticas convencionais do sistema falocêntrico.

A percepção deste sujeito, mulher agente do discurso, se dá através de um aspecto significativo para a construção da identidade de Rísia: o mito. Cecil Zinane, refletindo sobre a constituição da identidade feminina, diz que:

A identidade pessoal e de gênero realizam-se em determinado tempo e espaço (...) e a problemática do ser humano moderno, relacionada à identidade, apresenta seu fundamento nos mitos culturais ancestrais, num processo dialético entre o arcaico e o atual. (ZINANI, 2003).

Assim, o aspecto mítico reveste-se de singular relevância no romance de Felinto. A personagem é marcada pelo imaginário das heroínas de

Tejucopapo², zona da mata pernambucana, que venceram o invasor holandês.

A partir de uma perspectiva mítica, pode-se verificar a existência de uma ligação entre essas heroínas e o destino de Rísia, que vai em busca deste arquétipo para resgatar todas as mulheres, e a si mesma, de uma herança de *desamor, mistério e mutismo* (p.88), constatando-se, assim, o poder do mito na construção de uma outra identidade:

Mulheres bonitas e fortes, mulheres de uma cara morena de longas caminhadas ao sol. Mulheres de verdade? (...) havia mulheres assim, então, a minha herança, mulheres que não fossem minha mãe. (p. 130).

Assim, a personagem se propõe a alimentar-se *pelo poder da tradição de se reiniciar através das condições de contingência e contrariedade que presidem sobre as vidas dos que estão na minoria*, pensando nas reflexões de Homi K. Bhabha.

Rísia encontrará este alimento no passado de forma consciente para encontrar respaldos para a sua individualidade e construir uma identidade. E, durante esse processo (na volta a Tijucoapapo), ela vai encontrar a imagem legendária da Amazona. E é na releitura dessa figura que Rísia brada sua revolta e procura ir *ver porque minha mãe nasceu lá em Tijucoapapo*. (p.18), pois de Amazonas, aos olhos da menina Rísia, sua mãe não possui nada. Mais adiante, num desafio às mulheres sujeitas ao patriarcado, cujo símbolo

² Embora a autora utilize no título a grafia pós-reforma ortográfica (Tijucoapapo), o toponímico continua sendo grafado como Tejucopapo, cf Schumacher, Schuma e Brazil, Érico V., Dicionário Mulheres do Brasil, Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2.a ed., 2000.

maior instala-se em sua mãe, Rísia anuncia: *Mamãe, eu cheguei a Tijucopapo, o lugar que você não honrou.* (p.131).

Contudo, todo este confronto tem como objetivo resgatar sentimentos, valores para construir uma identidade enquanto sujeito da/na sua própria história. Na busca dessa identidade, a narradora-protagonista vai quebrando todos os espelhos cujas faces não refletem a imagem na qual ela possa se reconhecer enquanto sujeito.

O propósito de Rísia é fazer reviver (e sobreviver) a imagem legendária da Amazona. E é este empoderamento (*empowerment*)³ que conferirá à Rísia força, coragem e liberdade para contestar a modelagem estabelecida, desafiar o *status quo* no sentido de produzir um contradiscurso.

Assim, a protagonista põe em questão o que estava posto como dado e fatalidade ao destino da mulher. Assim, desmonta a falácia do conformismo e da submissão do tripé sexismo-racismo-capitalismo tão presente nas mulheres de seu círculo social.

Considerando-se a análise que Rísia faz da sua realidade, das mulheres dos círculos familiar e social, é interessante observar que essas mulheres protagonizam relações de poder, fundadas em uma lógica, cujo alicerce sustenta-se na fusão da organização social étnico-racial, de classe e de gênero dominantes. A força dessa lógica reside no fato de que estas organizações formam um nó. (SAFFIOTI, 1996). Por outro lado, a

³ A expressão *empowerment* tem sido bastante utilizada no âmbito dos estudos multiculturais. Miriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves, ao traduzir *O local da Cultura*, de Homi Bhabha, optaram por “aquisição de poder” para traduzir o termo. No entanto, nos estudos de gênero, ele tem sido traduzido como “empoderamento”, forma pela qual optamos.

possibilidade de superação da protagonista decorre da constatação de que as relações de poder estabelecidas no interior, e a partir, desta lógica relacionam-se à sua própria forma de constituir-se enquanto um campo de forças: resistências, conflitos e rupturas. Na estética de Felinto, é notória a contestação à modelagem estabelecida, desafiando o *status quo*:

Eu saí de minha casa. (...). As rodovias que levam os carros até São Paulo de onde larguei minha casa num dia que meu pai resolveu mexer no meu guarda-roupa. (...) O que me dói nas safadezas, o porquê soffro ao encontrá-las, é porque venho de um mundo já tão safado de pai e mãe, de Lita, de tia... Que o meu mundo eu quero consertado. (...) Eu me calo até o momento do meu sofrimento.(p. 78, 80).

Desta forma, Rísia se posiciona como um narrador dialético expressando o desejo de “minar” o poder dominante através de manobras subversivas de contra-poder. Como aponta Marlise Vinagre Silva:

Nos espaços porosos de poder instituído, aquele que se encontra na condição de dominado se insurge, invertendo as regras do jogo que reproduzem a dominação. Assim, essas práticas constituem subversão. (p.53)

Este diálogo subversivo se processa na capacidade de (re) construção da ordem social de gênero – classe - etnia presente nas relações entre o masculino e o feminino da infância raivosa de Rísia:

De raiva, eu preparei uns cem barcos, uma frota. Santa Maria, Pinta, Nina, mamãe, papai, Leide, Lúcia, Vilma, Mia, Ismael... (...) uma caravana de caravelas que me levassem para o mundo que eu começava a descobrir

que não era aquela simples mentira do fim de minha rua. (...) eu tinha sete anos e odiava papai. (p. 43)

Portanto, na obra em análise, Marilene Felinto explora o jogo de emoções resultante do confronto que a personagem Rísia realiza no diálogo consigo mesma na busca de uma identidade livre da teia gênero-classe-etnia. Conseqüentemente, permite ao sujeito Rísia gerar sentidos como resposta política à dominação – uma identidade que não possui vínculos de identificação dentro de um campo simbólico que define práticas sociais, modos de agir e pensar.

Assim, a narrativa se processa através de uma heroína que carrega um discurso dialético e transgressor dos padrões de representação simbólica da arte literária. Esta narrativa é tecida sob a desestabilização dos arranjos constitutivos da tradição literária que configura a personagem feminina de forma a repetir e reforçar os papéis sociais vigentes.

Em outras palavras, o discurso de Rísia diferencia-se das narrativas convencionais, como podemos notar em seu discurso múltiplo, revolucionário, que fala grotescamente de uma subjetividade erigida a partir de uma transgressão que rompe poderes estabelecidos:

Eu: – Papai! (um grito histérico). Papai, fique sabendo que aqui sou eu quem tem um salário tão alto quanto o seu salário. Que eu sou quem eu quiser ser. Que você já não existe desde os meus cinco anos de idade. Que, se é como autoridade que você deseja existir, saiba que você é uma merda pura. Que eu já sou maior de idade e que chegou a hora de você saber que seu lugar é no inferno. Nunca mais se atreva a mexer no meu armário, ouviu bem? Ou eu mato você! (p.87).

Desta forma, é possível perceber o processo de descontinuidade simbólica da narradora-protagonista. Acredito haver essa intenção na obra quando a narradora forja contra-poderes e opera resistência às tecnologias sociais reprodutoras das relações fundamentais. (LAURETIS, 1994).

Encontramos essa idéia presente constantemente na obra de Marilene Felinto quando, na sua voz, Rísia reiteradamente cria situações de resistência, entre as quais destaca-se a disputa pelo direito a ter um *locus* privilegiado na esfera privada, em decorrência de conseguir situar-se fora do gênero, nos termos de Lauretis, bem como a consciência de não ofuscar a teia simbólica de gênero hegemônica .A procura discursiva em erigir uma identidade, cuja protagonista é palco de uma densa teia de relações sociais, perpassada pela interconexão contraditória de aspectos econômicos afetivos e culturais, leva Marilene Felinto tecer uma obra em que a narrativa em primeira pessoa objetiva legitimar uma nova voz. Esta voz é, além de fonte de denúncia de uma organização de gênero hegemônica e patriarcal, também um alerta para o fato de a mesma não operar sem resistência.

Esta nova voz, embrenhada na estrada que leva à construção de uma identidade singular, é a narradora recorrente da ficção escrita por mulheres. Este recurso, segundo Joanne Frye, é uma possibilidade de alargar a representação do feminino e exercer *a capacidade de criar para a protagonista feminina um enredo outro que aqueles sancionados pela sociedade patriarcal* .(FRYE apud SCHWANTES)

Esse recurso estético em que a voz do sujeito feminino assume a voz da narrativa é, necessariamente, uma estética ideológica do texto, subvertendo a lógica narrativa. Desta a forma, podemos perceber um narrador homodiegético feminino, que Cíntia Schwantes, citando Joanne Frye, explica:

O narrador homodiegético feminino é, por si só, subversivo, uma vez que a mulher está narrando, ao invés de ser narrada. Há uma interdependência entre personagem e enredo, cada um determinando o outro. Em uma cultura centrada em valores masculinos, as personagens femininas estão encerradas nos “textos da feminilidade”, nos quais elas seguem destinos à sombra dos personagens masculinos, cumprindo as expectativas deles em relação à elas. A narradora homodiegética, ao contrário, cria o espaço necessário ao desenvolvimento de outro tipo de enredo para as protagonistas femininas. (FRYE apud SCHWANTES).

Este narrador homodiegético feminino revela o impasse entre os ideais da feminilidade (uma construção do discurso masculino) que a oposição de espera reserva para mulheres que assumem uma posição subjetiva de objeto de uma produção discursiva e as perspectivas abertas, embora limitadas para a protagonista Rísia. Ela percebe a alienação subjetiva das mulheres do seu círculo familiar, cuja posição é de renúncia ao direito da fala e ao direito de se tornarem sujeitos de suas próprias histórias. Permanecem, assim, silenciosas e invisíveis, o que as impulsiona a uma resolução de tal impasse.

Por isso Rísia foge a essa representação de feminilidade e, conseqüentemente, busca uma identidade que possa ser entendida e aceita como, finalmente, um sujeito feminino deslocado dos padrões sociais pré-

estabelecidos. Para isto, Marilene Felinto constrói um romance em que a voz feminina é lançada para um circuito ex-cêntrico.

Nesse sentido, a autora aponta em sua ficção para o movimento de abertura de fronteiras, de ocupação dos espaços antes restritos aos homens, de integração das diferenças. E isto tem sido objeto de discussões críticas no nosso mundo contemporâneo, em que a demolição das fronteiras suscita o movimento contrário de resistência contra a ordem patriarcal.

Ela conjuga a força da subjetividade do “eu” protagonista ao movimento de expansão de um sujeito que precisa (re) fazer um longo caminho de volta à infância e adolescência: lança, assim, este sujeito para um circuito verdadeiramente ex-cêntrico.

Através de sua narradora, Rísia, a constituição desse sujeito será, desta forma, concebida na sua ficção *como um fluxo de identidades contextualizadas por gênero, classe, raça, identidade étnica, preferência sexual, educação, função social*, como bem coloca Linda Hutcheon, quando analisa o lugar do ex-cêntrico no espaço literário contemporâneo.

O ex-cêntrico⁴ aspira seu lugar que antes lhe fora negado, mas Linda Hutcheon alerta que esta contestação à centralização da cultura por meio da valorização do local e do periférico leva necessariamente a uma derrocada da *hierarquia de outrora* mantida em todos os planos artísticos e que *derrubar hierarquias não é o mesmo que derrubar distinções*.

⁴ O ex-cêntrico, o *off*-centro: inevitavelmente identificado com o centro ao qual aspira, mas que lhe é negado. Outra forma apresentada por esse movimento *off*-centro encontra-se na contestação à centralização da cultura por meio da valorização do local e do periférico: Não Nova Iorque, Londres ou Toronto, mas a Albany de William Kennedy, o país dos pântanos de Graham Swift, o Oeste canadense de Robert Kroetsch. Hutcheon, pg. 88 e 89.

Em *As Mulheres de Tijucoapapo*, a autora nos traça este universo plural onde a narradora-personagem reitera sua busca numa linguagem lírica, visionária, conflitante, criando um cosmo poético, paralelo ao real:

As coisas acontecem num intervalo de vontade e pensamentos. (...) Não sei se acreditava que as coisas aconteciam num intervalo de fantasias. Tudo acontecia mesmo num intervalo de fantasias e sonhos. Eu sempre dissera que seria uma voluntária à guerra até que se matasse em mim esse poder meu para qualquer coisa do resto que não fosse uma mulher casada numa casinha branca. (p. 113; 115-116).

A trajetória de Rísia envolve o desejo de construir uma identidade contrária ao poder patriarcal. Este processo se desencadeia por meio de uma complexa teia simbólica, expressa na narrativa. Desta forma, o leitor pode acompanhar o centro mimético da narrativa e percebe, assim, que este é a própria consciência de Rísia que justapõe fragmentos de lembranças, sentimentos e imagens de acontecimentos remotos ou mais recentes aos do presente.

Esse mecanismo de justaposição é um procedimento cuja função é delinear a identidade que Rísia tanto busca. No decorrer de toda a narrativa, o recurso da evocação autobiográfica na mente da narradora-protagonista provoca um texto instigante em que é possível perceber que ela é construída e reproduzida na e a partir das relações sociais fundadas no tripé classe-etnia-gênero. Portanto, considero a idéia de que Rísia é um sujeito múltiplo, ou seja, complexo e contraditoriamente multifacetado.

Tal abordagem possibilita a apreensão da complexidade, heterogeneidade, da (re)construção da identidade do sujeito feminino, objeto de nossa análise . Ao transitar do passado ao presente, voltando-se para si própria, o discurso de Rísia liberta-se da obediência aos princípios de causalidade vinculadas ao tempo físico, linear, no processo de deciframento de suas múltiplas identidades imbricadas – étnica, de classe e gênero.

Defendo, como faz Teresa de Lauretis, que o sujeito é múltiplo e contraditório, constituindo-se *não só na experiência de relações de sexo, mas também nas de raça e classe*. (1994). Na proposta desta autora, os sujeitos são constituídos em suas relações com um *campo social heterogêneo*, eles se instituem a partir da linguagem e de representações culturais que expressem ‘posicionalidades’ (nas palavras de Lauretis) hierarquizadas de gênero, classe e etnia, preexistentes aos sujeitos.

Na direção do pensamento de Lauretis, defendo, neste trabalho, que o ser social é um produto e processo da intersecção, necessariamente mutável, entre os códigos ideológicos vigentes e sua história pessoal. Assim, entendo que mulheres e homens estão, constantemente, reelaborando, em um permanente processo de construção/desconstrução/reconstrução subjetiva, as determinações sócio-históricas definidas a partir da articulação classe-etnia-gênero constituídos em um campo de forças (ALMEIDA, 1998). Logo, a elaboração pessoal opera a partir, tanto de material oriundo da estrutura da sociedade, quanto daqueles que Lauretis teve o mérito de destacar – formações ideológicas, práticas institucionalizadas, cinema e outras instâncias

disciplinadoras, que ela denominou *tecnologias de gênero*. Como esta constante elaboração se move na contradição e na multiplicidade, características dessa interseção, há sempre espaço para contra-práticas; fruto, não da pessoa, mas de suas relações com outros e com o mundo. (SAFFIOTI, 1991).

Parafraseando Lauretis, percebo que a protagonista Rísia situa-se dentro e fora do gênero. A narradora é capaz de situar-se fora do discurso hegemônico e disputa com este, com vistas a solapar suas representações e desconstruí-las.

Na tessitura das lembranças revividas, Rísia costura com as idéias do presente a experiência do pretérito. Nesse encontro de passado e presente, ela funda um lugar para reflexão. A evocação dos fatos traumáticos da infância pela personagem narradora funciona como meio de libertação e decifração como sujeito e busca do sentido de ser mulher.

Rememorar, recapitular, refazer seu percurso existencial é para Rísia inventaria suas dores, se não para compreendê-las, pelo menos para vingá-las na reconstrução de um eu verdadeiro e consciente de si. Ela parece nos convidar a uma maior reflexão sobre a cultura dominante e, ao mesmo tempo, a possibilidade de se (re)construir como sujeito. O seu discurso revolucionário busca uma identidade que possa ser entendida e aceita como, finalmente, uma mulher como sujeito histórico.

No que diz respeito à busca de uma identidade pode-se constatar que o ser humano distingue-se dos outros seres por sua capacidade de registrar sua

presença no mundo através da inscrição do “eu”. Escrever o “eu” parece ser uma afirmação de uma existência, a confirmação de uma realidade problemática, mas consistente. Escrever o “eu” é também confirmar uma identidade, um autoconhecimento, não uma identificação. Buscar uma identidade é buscar elos que nos ligam à nossa história: os nossos valores, as nossas verdades com os quais construímos nossa personalidade. Perdidos este elos, nosso centro de desloca. Retomar o fio partido torna-se possível através da reconstrução do nosso ponto matriz da origem do nosso eu.

Marilene Felinto, nesse romance, mostra-nos o desejo de um sujeito feminino em redimensionar sua vida em novas bases, tendo a autodeterminação e a liberdade como valores centrais. Reforça, assim, o potencial para constituir e manter novas ligações associativas. Associações que não reproduzam e reforcem o modelo tradicional.

Porém, primeiro é preciso negar uma estrutura familiar a qual está sujeita: pai, tia,... Renegar a figura materna cuja herança representa mulheres oprimidas, secas, frágeis. Observa-se, assim, que Rísia se constrói a partir de muito pouco: ela rejeita tanto o pai quanto a mãe, os dois elementos componentes do nosso núcleo identitário. Vê-se, portanto, uma postura que aponta para a ruptura com os modelos tradicionais de comportamento feminino.

Para descortinar tal mecanismo de Rísia, é necessário compreender a constituição das identidades étnicas, de classe e de gênero. Estas identidades correspondem a processos de identificação, necessariamente dinâmicos e

contraditórios, forjados pela hierarquização das diferenças percebidas/sentidas no interior das relações sociais de poder antagônicas. É, pois, no e a partir do entrelaçamento de semelhanças e diferenças, que se constroem/ recompõem as identidades.

No plano das identidades individuais, os indivíduos singulares dotam de significado subjetivo as múltiplas determinações a que estão sujeitos, articulando-as como desdobramento de uma totalidade: unidade do múltiplo (CIAMPA, 1984). Neste contexto, destacam-se os processos de reconhecimento de identificação/inclusão e/ou diferenciação/exclusão; portanto, procedimentos de representar a relação com o outro. No processo de constituição das identidades verifica-se a significação das idéias, valores, representações, ideologias, materializando-se a dimensão singular das múltiplas determinações do ser social.

Assim, sigo a trilha teórica percorrida por Saffioti:

Cada conjuntura específica exigirá do sujeito um posicionamento mais acentuado de sua identidade de gênero ou de classe ou, ainda de raça/etnia (...). Desta forma, o sujeito é multifacetado, apresentando, na verdade, várias subjetividades. (SAFFIOTI & ALMEIDA, 1995).

O entrelaçamento das três contraposições básicas da sociedade funciona como um verdadeiro crivo que modula condutas e representações (inclusive auto-representação). Ou seja, serve de amálgama para ideologias, que fornecem moldes para as relações, produzindo verdadeiras gramáticas de práticas sociais. Esta amálgama normatiza as relações mulher-mulher,

homem-homem, negro-negro, etc. criando formas de pensar-sentir-agir no mundo e de convivências cotidianas.

As categorias classe, etnia e gênero referem-se a uma relação e não a um outro ser substantivo especificamente. Mas também dizem respeito às representações acerca do masculino e do feminino, do pobre e do rico, do branco e do não-branco, permeando também os processos de construção/reconstrução das identidades dos sujeitos singulares e de suas subjetividades.

Para Gilligan (1982), do ângulo da identidade de gênero, as mulheres encontram-se ligadas às relações de conexão e à ética de servir, nas quais ela destaca o papel de ligação que cria e reproduz a coletividade humana. Estão, portanto, relacionadas do ponto de vista da ética do cuidado e da responsabilidade.

Ao cuidarem dos companheiros, dos filhos e outros das gerações imaturas (no caso de professoras, por exemplo), bem como de patrões e idosos, as mulheres são treinadas no lidar com as diferenças. Dessa forma, segundo pensamento dessa autora, as mulheres tendem a dirigir-se a uma ética coletivista baseada na solidariedade, constituindo o que considera uma voz diferente: “a ética feminina”.

Contudo, tanto a chamada “ética feminina”, quanto a “ética masculina” - ancorada no princípio do direito, da separação e do individualismo -, são produzidas e reafirmadas na e a partir da mesma ordem social falocêntrica.

Podemos observar, na narrativa Felintiana, que esta ordem social falocêntrica é um campo simbólico da qual Rísia tenta sair. Este campo simbólico, que atribui ao pai da protagonista o papel de detentor legítimo do direito ao prazer e de mais poder, liberdade e autonomia, aprisiona-o na condição de dominador e deixa às mulheres da família o lugar da submissão e da passividade. Desta forma, observa-se que a narradora-protagonista, ao evidenciar, principalmente na mãe, uma falta de reconhecimento como sujeito e um vazio de significação de ser mulher, busca romper com uma identidade construída na ordem de gênero dos padrões sociais estabelecidos, como podemos perceber:

Era Natal de 1964. Ismael seria o sexto filho de mamãe. Mamãe saíra para o centro do Recife com as lâmpadas queimadas de nossa árvore da natal. Nossa árvore de natal era o esforço de mamãe para nos dar um natal. Já que papai tinha outras mulheres e não se interessava por nós. (...). No Natal de 1964 acontecia que mamãe pesava e me pesava. Mamãe grávida era meu suplício, a minha cruz, os meus nove meses. Pois a cada mês que se esticava mais aquele bucho, contraía-se mais aquela cara amargurada de mamãe (...). Depois papai chegava e eu preparava minha cara de assassina para matá-lo. (p.19,20)

No romance em análise, verifica-se a presença superposta de várias narrativas (de gênero e etnia, por exemplo). Na narrativa, ora evidencia-se o gênero, ora o corte de classe ou étnico, ficando o que prova a tese do entrelaçamento das três categorias históricas e, conseqüentemente, da multiplicidade do sujeito.

Contudo, ainda que admitindo fixações identitárias - de gênero, de classe, de etnia –, se tem que deixar claro que as mesmas ocorrem sempre de forma contingente e pontual. Caso se ignore essa circularidade de identidades, corre-se o risco de cair na armadilha da fixidez e das posições generalizantes.

Em quaisquer circunstâncias, a identidade proeminente é definida pela e na relação com o Outro, pelo fato do sujeito constituir-se como um ser de linguagem. Por este motivo mesmo, o sujeito tem capacidade de desconstrução/reconstrução de conceitos. Bem como o potencial para ressignificar a herança cultural e as formas de representar o mundo.

Nesse sentido, Debieux (1998) considera que:

Pode-se entender como identidade o fenômeno observado pela psicanálise em que o homem insiste na ilusão de ser único, ilusão necessária para sustentar o narcisismo. A identidade aparece também como construção imaginária de uma representação social que mascara a presença do Outro no si mesmo e avalia sua pertinência no mundo humano. Desta forma, a identidade surge como um sintoma, defesa contra a angústia de não poder saber sobre si, a não ser a partir da imagem, tomada em si mesma, como metáfora congelada em um único sentido, sem, no entanto, perder sua propriedade de ser mensagem. (p.123).

Pelo discurso, portanto, entramos em contato com o modo como o sujeito teceu sua história, lidou e fixou o seu cotidiano e como construiu o contato entre objetividade e subjetividade, entre mitos de identidade e processos de singularização. Percebemos o lugar que constitui e é constituída, enfim, sua posição diante do mundo. No discurso, o sujeito

mostra o traçado do seu percurso, sua origem, seu presente e o que o futuro anuncia. O Outro, ouvinte, é testemunha.

N'As Mulheres de Tijucoapapo a protagonista tem a identidade subjetiva construída em função das outras mulheres da família, avó, mãe, tia, amigos. (VIANNA, 1997). Mas, como a *aquisição de uma identidade (social ou psicológica) é um processo complexo, que comporta uma relação negativa de exclusão* (BADINTER, 1993) Rísia utiliza-se de ambas, pois no seu processo de identificação ocorre uma assimilação negativa com as mulheres de seu círculo social e familiar:

Minha rua tinha mulheres assim que (...) praticavam o coito depois duma surra. (...). Mulheres traídas, perdidas, dadas, grávidas, adotadas, não verdadeiras, mulheres de mentira, prostitutas que, como minha mãe, dormiam com meu pai de noite tendo sido surradas por ele de manhã. Minha mãe era uma prostituta. Grande merda. Como Lita da goiabeira. Como tia, a bêbada derrotada. (p. 18 e 129)

A parte positiva é a busca pela outra face do espelho, voltada para tudo que representa a força e a coragem das mulheres guerreiras:

Mulheres bonitas e fortes, mulheres de uma cara morena de longas caminhadas ao sol. (...). Mulheres guerreiras. Eram mulheres que não eram minha mãe. (p.130)

Assim, habitante dos espaços complexos, Rísia quer reconstruir sua identidade que, durante o processo, parece ser corrosiva, deslocando as relações com o outro, com o tempo e com o espaço de uma maneira inimaginável. É o percurso de um sujeito que morre de si para poder viver em

uma identidade dialética. Desta forma, Rísia solidifica a ação de uma mulher revolucionária, ativa, seguindo seu fluxo de vida, cujo empoderamento volta-se para:

Essas mulheres, que não eram minha mãe, tinham a sina das que desembestam mundo adentro escanchadas em seus cavalos, Amazonas defendendo-se não se sabe bem do quê, só se sabe que do amor. Só se sabe que do que o amor as fez sofrer. Só se sabe que do que o amor as fez traídas. Mulheres na defesa da causa justa. (p. 131)

Este imaginário mítico *n'As Mulheres de Tijuco-papo* revela uma estratégia de saber e de poder que costurou com fios visíveis, discursos inesperados. Desta forma, montou uma narrativa de pequenos mosaicos da complexa busca de Rísia por uma identidade da mulher sujeito de sua história.

Assim, a pulsão de Rísia é desorganizar a ordem hegemônica de gênero, classe e etnia. Com respeito a estas três categorias, é interessante notar que, assim como na categoria gênero, a protagonista engendrou estratégias de escape ao ordenamento social instituído.

Os estudos de gênero, de um modo geral, sob o impacto das conceituações sobre a fragmentariedade do sujeito, abriram-se para a reflexão sobre outros fatores constitutivos da identidade, como classe e etnia, conforme irei discutir nos seguintes capítulos.

(RE)CONSTRUÇÃO ÉTNICA

RESGATE

*Sou negra ponto final
devolvo-me a identidade
rasgo a minha certidão*

*sou negra
sem reticências
sem vírgulas sem ausências
sou negra balacobaco
sou negra noite cansaço
sou negra
ponto final*

ALZIRA RUFINO

Outro aspecto relevante nesse processo de (re)construção de identidade é a étnica. Rísia põe-se a caminho na busca de sua identidade. Este sujeito carregado, fundamentalmente, de três estigmas: (de classe, de gênero e de etnia) busca lugar no interior de si e de sua coletividade, num vagar incessante, para combater este *sentimento decepcionante de descoberta do mundo* (FELINTO, 1992, p.76), sentimento, agora consciente, do homem contemporâneo, como esclarece Hall:

O sujeito, previamente vivido como tendo uma identidade unificada e estável está se tornando fragmentado; composto não de uma, mas de várias identidades, algumas vezes contraditórias ou não resolvidas. (HALL, 2001, p.12).

A narradora-protagonista, à procura de sua identidade, busca resgatar sua origem étnica a partir do exercício de reflexão desses pólos:

... pobres mulheres como mamãe, que eram dadas numa noite de luar, por minha avó, uma negra pesada, e que depois seriam mulheres sem mãe nem irmãos, desgarradas, mulheres tão sem nada, mulheres tão de nada. (p.34).

Mulheres negras, colocadas à margem da sociedade. Nesse sentido, a narradora delinea a etnia das personagens ao longo do texto com um acento lingüístico que, a princípio, pode passar despercebido. Rísia recupera, eventualmente, questões importantes da sua trajetória. A questão étnica é uma das causas do abalo identitário sofrido pela protagonista. E não há um interesse em esconder sua origem étnica. Pelo contrário, ela, nos termos de Bourdieu, reivindica o estigma.

Portanto, este é um problema a ser resolvido e requer, por isso, uma discussão sobre etnia. Para expor tal complexidade de marcação étnica, apoio-me, para início de discussão, na reflexão de Stuart Hall sobre os conceitos de etnia e raça.

Em primeiro lugar, é necessário ressaltar aqui que há posições divergentes nas Ciências Sociais quanto ao uso do termo “raça”. Aqueles que se negam a utilizá-lo, o fazem apoiando-se no fato de que biologicamente não existem raças na espécie humana, bem como no argumento de que esta categoria encontra-se carregada de conteúdo ideológico discriminatório.

Stuart Hall, em *Da diáspora: identidade e mediações culturais*, compartilha tal recusa, e analisa a questão britânica como um breve exemplo de um argumento mais amplo. O autor afirma que tem-se feito um esforço para que a questão da “raça” seja reconhecida com seriedade na teoria política em geral, no pensamento jornalístico e acadêmico. O silêncio a esse respeito, segundo Hall, está sendo rompido à medida que esses termos se impõem sobre a construção pública. Sua crescente visibilidade constitui, inevitavelmente, um processo difícil e pesado, enfatiza o autor.

Nas palavras de Hall, conceitualmente, a categoria “raça” não é científica. As diferenças atribuíveis à “raça” numa mesma população são tão grandes quanto aquelas encontradas entre populações racialmente definidas. “Raça”, segundo ele, é uma construção política e social. Para o autor, a “etnicidade”, por outro lado, gera um discurso em que a diferença se funda sobre características culturais e religiosas. Nesses termos, ela freqüentemente se contrapõe a raça.

A reflexão de Stuart Hall a respeito do termo remete à idéia de que a categoria social “raça” se refere a uma classificação fundada nas representações sobre a dinâmica das forças sociais em permanente tensão. É uma elaboração social forjada na relação entre grupos que se auto-representam a partir do pertencimento a ‘raças’ diferentes. Assim, o processo de construção social das ‘raças’ supõe a definição a partir da relação de reciprocidade/alteridade entre os distintos grupos étnicos existentes.

O conceito de etnia, para o autor, implica a idéia de identificação no interior do mesmo grupo de pessoas em relação à atitude de compartilhar elementos culturais comuns. Comparada à raça, a etnia apresenta, pensando na discussão de Hall, uma articulação mais tênue à problemática da presença do pluralismo e diversidade. Diz respeito, portanto, à alteridade e às identidades heterogêneas e em desacordo ou dissidência com os valores compartilhados por outros grupos.

Estas colocações de Hall são relevantes na medida em que penso tentar desfiar os fios da teia da identidade do feminino/etnia de um personagem claramente marcado, também, pela sua origem étnica.

Concordo que a etnia também marca a construção da identidade. Por intermédio das interpretações das lembranças, portanto, desvelam-se alguns destes registros e aponta-se como circulam, pois a ideologia nos coloca naturalmente colados à construção das crenças sobre a identidade que, por sua vez, está associada ao amadurecimento das imagens do mundo individual e socialmente aceitas como verdadeiras. Esses mitos são crenças que temos a respeito de nós mesmos que marcam a nossa vida como destino, sina e verdades absolutas que recebemos como heranças de família e que fixam o sujeito em uma determinada posição. A seguir, aprofundaremos a discussão abordando as reflexões de diferentes autores.

Para Elisabeth Mercadante (1997), a identidade étnica é construída contrastivamente. A etnia pode ser entendida como um classificador que opera o contraste entre o “eu” e o “outro”. Como afirma a autora, *a etnia diz*

respeito à separação e ordenamento de uma população numa série de categorias definidas em termos de “nós” e “eles” (p.15). Contraste que marca a construção de uma identidade individual e de grupo e que surge por oposição, pelo estigma que um determinado grupo social recebe historicamente. No pensamento de Mercadante, ela não se afirma isoladamente.

Já para Erick Eriksen (1993, p.12), a etnicidade, que considera um conceito bem mais amplo que o de raça, é um elemento definidor de identidades sociais, entendidas como uma forma de vínculo de parentesco metafórico. Aqui, fica explícita a noção de etnicidade definida como pertencimento a um grupo, com o qual se tem afinidades e semelhanças, em contraposição a outros grupos distintos com os quais se mantém relação.

No que se refere ao estudo das relações étnicas e do racismo, à literatura sobre a situação do negro no Brasil, à diáspora e ao escravismo, bem como ao debate conceitual acerca de “raça”, etnicidade e classe, há hoje um acúmulo nada desprezível de produção acadêmica, conforme pode-se constatar na bibliografia ao final dessa dissertação, o que indica um amadurecimento acadêmico e político neste campo. Contudo, a clivagem de gênero é quase ausente do universo de preocupação daqueles que se dedicam a esta área político-intelectual, salvo algumas exceções - geralmente representadas por mulheres negras-feministas. O inverso também é verdadeiro: pesquisadores nas áreas de classe ou etnia costumam desconsiderar o dado do gênero.

Sustenta-se que a argumentação teórico-ideológica do racismo deva ser essencialmente histórica, *mas não-autônoma, nem primeira*, como destaca Etienne Balibar (1988 p.28). O autor diz que ela deve se fazer acompanhar de formações discursivas com contornos de etnia e classe e, acrescenta-se o que nele constitui um hiato, a clivagem de gênero.

O debate intelectual referente ao problema das relações étnicas pode ser traduzido pela polarização em duas vertentes, embora com diferenças de ângulo de análise no interior da cada uma delas. Uma reúne as posições defensoras das desigualdades étnicas como resultantes da distribuição econômica existente na sociedade e sua corolária assimetria no acesso à educação. Essa perspectiva é edificada sobre o pressuposto da prevalência da classe sobre a etnia, propugnando que uma vez obtendo patamares mais elevados de educação e renda, os negros teriam mobilidade social ascendente, não enfrentando barreiras ou discriminações, nos termos do que defende Donald Pierson:

(...) a cor tem menos valor do que os outros indícios de classe. Estes sobrepujam a ascendência racial na determinação final do status. Sem dúvida, a cor é um percalço. Mas tende sempre a ser negligenciada e mesmo esquecida, se o indivíduo em questão possuir outras características que identificam as classes 'superiores', tais como (...) instrução, riqueza, encanto pessoal, pose, 'boas maneiras' e, especialmente para as mulheres, beleza. (PIERSON, 1942, apud IANNI, 1988 a., p.128).

Os que defendem esta posição argumentam que com o crescimento econômico advindo do capitalismo moderno, automaticamente se asseguraria a equidade social; logo, a igualdade étnica (e de gênero).

O paradigma da modernização, obviamente, serviu de inspiração a este ponto de vista, conforme se pode observar na citação abaixo extraída de Peggy Lovell (1995), onde se sugere que a partir do aprimoramento do modelo de desenvolvimento brasileiro:

O grande contraste nas condições sociais e econômicas. Entre os estratos mais baixos e a classe alta predominantemente branca desapareceria (LOVELL 1995, apud WAGLEY, 1969, p. 60).

Neste ângulo de análise encontra-se subjacente a suposição de que a população negra está distribuída na base da pirâmide de renda, em virtude de se encontrar em situação diferente, em relação aos brancos, no momento da abolição da escravatura. Em outras palavras, é depositada no legado escravista a origem do lugar adjudicado que os negros e mestiços ocupam no presente. Como define Peggy Lovell (1995), esta vertente associa as desigualdades étnicas aos *vestígios do passado* e suas conseqüentes *diferenças no capital humano*: desigualdades de educação e renda (p. 43-44).

Acredito tratar-se de posição acrítica e ahistórica, que nega a existência dos conflitos étnicos: conflitos por poder, os brancos desenvolvendo estratégias, baseadas no racismo, pela manutenção do status quo, e os negros se contrapondo a elas. Esta posição se ancora na suposta cordialidade do brasileiro, bem como no mito da democracia racial e na apologia da mestiçagem, como signo da tolerância e harmonia no convívio entre as etnias. Esta é a concepção desenvolvida pelas elites políticas acerca dos seus países, onde se acredita (e se faz acreditar) que existe uma

harmonia entre os cidadãos oriundos de todo o contínuo de cor, e ausência de preconceito e discriminação étnicos.

Um elemento na construção dessa posição é, como aponta Heloísa Buarque de Hollanda, a reelaboração idílica do passado escravo, para escamotear a prevalência de uma *sociedade altamente hierárquica e pigmentocrática*. (1992 p.53)

A outra vertente, nas ciências sociais no Brasil, não ignorando o pretérito histórico escravocrata, centra a análise da problemática étnica nos processos sociais de transformação das marcas fenotípicas em emblemas de desigualdade. Estes processos constantemente reiteram hierarquizações sociais e formas de seleção e controle social nas sociedades contemporâneas. Seus representantes defendem que os indivíduos tomados individual ou coletivamente como pertencentes a grupos de brancos, negros ou mestiços, se defrontam com diferentes estruturas de oportunidades sociais. Em decorrência de uma situação de extrema desvantagem competitiva, sem transformações substantivas desde a abolição, a população negra apresenta menor grau de mobilidade social vertical, constituindo a imensa massa da base da hierarquia social. Sobre isto, Matilde Ribeiro, ao pesquisar as relações raciais nas pesquisas e processos sociais, revela as condições de subumanidade vividas pela população negra:

É flagrante a enorme concentração de negros nas faixas de menor renda da população brasileira. Segundo pesquisa do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), publicada em 2002, os negros representavam, em 1999, 45% da população brasileira. Entre os 53 milhões de pobres, os negros

correspondem a 64% do total e a 69% da população de indigentes. Da mesma forma, é majoritariamente negra a massa de desempregados e subempregados em todo o país.

Constata-se que as mulheres negras são mais freqüentemente submetidas a ocupações precárias, seguidas das mulheres brancas e dos homens negros, como, por exemplo, no serviço doméstico, que é a maior área profissional feminina do país, ocupando aproximadamente 4,6 milhões de mulheres em um total de 5 milhões de trabalhadores em 2000, sendo 71% dessa mão-de-obra composta por mulheres negras. (RIBEIRO, 2004, p.90).

Para Carlos Hasenbalg, o potencial explicativo da escravidão como causa das desigualdades entre brancos, negros e mestiços decresce com o tempo. Hoje, para ele, esta pode ser considerada uma “causa residual” (1992 p.57). Já em Florestan Fernandes (1978; 1989), a escravidão tem maior estatura teórica e política do ângulo das causas das desigualdades étnicas. Entretanto, qualquer que seja o ponto de vista, é certo que a composição étnica da população brasileira deixa descoberta uma ferida aberta, produzida no passado colonial e ainda não cicatrizada.

Em Carlos Hasenbalg, a forma como os antagonismos étnicos, longe de serem superados com a industrialização e a ampliação capitalista, se atualizam reafirmando a discriminação e o preconceito como barreira à ascensão social dos negros e mestiços. De outro lado, o autor avalia a tese da crescente perda de legitimidade da idéia de democracia étnica.

Considerando-se a constituição de grupos sociais a partir dos cortes de classe, de gênero e etnia, os negros constituem o grupamento que apresenta o menor grau de mobilidade social, em virtude de serem definidos através do nascimento e, principalmente, pela cor da pele, marca que se metamorfoseia

em estigma. Este estigma, como assinala Ianni (1996, p.19), institui racismos, etnicismos, xenofobias.

Neste sentido, é possível perceber a dor dura e fechada que aprofunda a solidão de Rísia, levada pelo seu naufrágio existencialista. Experiência intransferível, a dor (principalmente a do amor negado) se revela como algo visceral ao ser: *coisa que parecia impossível de a vida agüentar – uma descarga elétrica, paralisa, choca, é mais próxima da morte do que da vida.* (p.123).

O que fazer com tanta dor? Onde encontrar a trajetória da rejeição? Como preencher as fendas da infância vilipendiada, acuada pelos espaços da agressão e da violência?

Às vezes eu me olho no espelho e me digo que venho de índios e negros, gente escura, e me sinto como uma árvore, me sinto raiz, mandioca saindo da terra. Depois me lembro que não sou nada. Que sou uma pessoa com ódio, quase Severina Podre, lunática, enluarada, aluada, em estado de porre sem nunca ter bebido. (p.35)

Assim, neste espaço agonizante, ela inicia seu processo de reflexão: é preciso lançar-se à procura da origem de seu drama existencial porque aí também reside a origem de sua identidade, perdida ou duramente desdobrada. Ir atrás de seu começo, mesmo chorando de morte e medo, chorando lágrimas de sal enquanto o mar de seu relato estronda dentro de si.

Ronaldo Costa Fernandes, em *O narrador do romance*, diz que: *O narrador em primeira pessoa é como uma película sensível onde o mundo*

visível vai marcar suas impressões. Diria que Rísia é como uma chaga aberta que a vida foi cavando. Vida que ejacula sangue.

Como se fosse o estilhaçamento de um presente em rotação perpétua à busca de um discurso que busca desesperadamente a constituição de si, através de suas dores, este narrador esfacelado se desconstitui e se constrói em suas feridas: *Minhas mãos são feitas de carne que dois pregos podem atravessar furando buracos a caminho da madeira da cruz.* (p.62).

Bíblico relato. Mas principalmente um relato de quem viveu em situação de exclusão. E sentiu as dores sociais do tripé capitalismo-racismo-sexismo e caminha pela ponte onde os esmoleres (conforme expressão utilizada no romance) margeiam a sua estrada e onde ela se encontra e se identifica. É justo? Interroga-se a narradora, empreendendo um diálogo com o leitor, com um questionamento crítico-social. É justo que algumas pessoas sejam mais felizes que outras? Não é justo, responderíamos nós, leitores, a esta narradora tão digna que se corta inteira, que se consome inteira em prol de um coletivo que se perdeu. Onde todos os justos se encontram porque, como diz Walter Benjamim *narrador é a figura na qual o justo se encontra consigo mesmo.* (p.74).

Ficar ou não ficar consigo mesma, questão que inunda a narrativa de Rísia. Este esforço de captar a sua essência é fruto, segundo Adorno, da estranheza das relações humanas na modernidade e que desemboca nessa tentativa de deciframento interno do homem. Este momento anti-realista,

como ele nomeia o chamado romance metafísico, é produzido por esta sociedade *em que os homens estão separados uns dos outros e de si mesmos*. (Adorno, 1980) O romance de tempo metafísico fundamenta-se na linguagem como expressão da humanidade do homem no tempo. Observa-se que a narrativa revela a mutilação do mundo na esfera do 'eu' do homem contemporâneo. Assim, a palavra, na ficção metafísica, é um eterno questionar-se. É o homem indo ao encontro de si mesmo. O desencantamento do mundo refletir-se-á nessa nova estética.

Na ficção de Marilene Felinto, esta estética se manifesta através do depoimento comprometido, emocionado e dolorido de Rísia. No seu texto, lugar desmedido, o seu eu partido se dilacera em corte. Fio de navalha, a sua narrativa atravessa o discurso visceral da escrita do corpo alquebrado e ferido: não do corpo erotizado feminino e sim do corpo que, às vezes, quer se entregar gratuitamente, sem culpas, para romper o silêncio, a solidão, a morte e tentar refazer a relação primordial: aquela sem descontinuidade entre o "eu" e o "outro". A narradora tenta transcender suas culpas: a culpa pelo exercício da sexualidade, por ter nascido de um tal exercício, por querer matar o pai, por ter tanto ódio dentro de si. Rísia consegue isso através da relação com um outro, que é transgressor, o guerrilheiro Guevara/Lampião. Deve-se considerar, no entanto, que toda transgressão carrega alguma culpa.

Mas este corpo que carrega o mundo em seus ombros não se envergonha diante da dor. Tenta carregá-la heroicamente como Hércules num tom épico que singulariza a narrativa. O tom intimista se conjuga ao tom épico

delineando um narrador dilacerado, mas heróico, prestes a entrar numa guerra, transformando as suas feridas em arma social para combater os opressores e os culpados de sua vida miserável e de suas dores.

Esta voz épica, carregada de tom social, dialoga constantemente com a voz dolorida em um embate que incendeia nossa protagonista nutrindo-a de uma força impulsionadora que a leva para um caminho desconhecido, mas seu. O lugar do motim.

Na procura de sua identidade, Rísia busca respostas para se afirmar enquanto sujeito da sua história. Para isto, é necessário olhar para si. Mas este olhar para si, é encontrar-se (a si) com *suas mulheres* – mãe, avó, tia, colega de escola, amiga, vizinhas. Encontrar-se (a si) no lugar do motim significa, nesse momento da narrativa, transformar-se em Maria Bonita: *Que ainda ontem eu...ainda ontem eu me deitara com um homem chamado Lampião*. Ou em destemida guerreira amazona que pretende invadir a Avenida Paulista em busca das luzes que brilham lá para dependurá-las nos postes apagados nas ruas de infância de seus irmãos, de Nema, de severinos podres que vagueiam em sua infância viva.

Em meio à voracidade de Rísia encontra-se a fronteira da origem e da finitude, da vida e da morte. Em meio também a esta voracidade, se encontra o deslimite do amor. A nossa heroína que abre a cena do ilimitado e do desmedido, vem de uma família negra patriarcal, centrada na figura do pai. Este afirma a sua superioridade aos únicos que são subordinados a ele: esposa e filhos.

À guisa de evitar equívocos no entendimento conceitual da categoria utilizada, vale deixar claro que o patriarcado está sendo entendido como o conjunto dinâmico e contraditório de relações em que prevalece o exercício de poder do sexo masculino sobre o feminino, com fins de submeter este a uma situação de dominação-exploração. Acredita-se que este sistema perpassa todos os modos de produção, sendo, portanto, milenar e universal, mas assumindo uma feição particular, na medida em que se funde com este ou aquele sistema: escravista, feudal, capitalista ou socialista. No caso da sociedade brasileira, o patriarcado se imbrica com o capitalismo e com o racismo, constituindo um único sistema de dominação-exploração.

Assim, o passado e suas origens são resgatados numa longa travessia de dor e morte. Dor pelas lembranças da mãe, da tia, das vizinhas – mulheres vilipendiadas e sem consciência. Morte onde seu eu primeiro se encontrava sufocado - ela que já sofrera demais em menina por ser negra, pobre, por não praticar a religião reconhecida como hegemônica, deseja embarcar, agora adulta, na conquista de estabelecer sua identidade.

Dialogando com a teoria de Stuart Hall, do sujeito *descentrado*, *resultando nas identidades abertas, contraditórias, inacabadas, fragmentadas, do sujeito pós-moderno*. (HALL, 2001), penso que Rísia, andarilha, peregrina, quer reencontrar a sua identidade nos três estigmas que a tornam um sujeito morre-não-morre. Este sujeito heterogêneo que a divide no interior de si mesma, através do caminho na estrada que a leva às suas origens, a mesma estrada que a faz vagar entre a vida e a morte, é o sujeito contemporâneo que

morre de si para poder viver em suas inúmeras identidades numa dialética constante, praticando um canibalismo existencial, pré-requisito para a sobrevivência de uma sociedade esquizofrênica e terminal dos tempos atuais.

Um dos estigmas que marca fortemente a personagem-protagonista é a sua etnia. A questão étnica é um dos elementos formadores de uma identidade fragmentária, ainda pensando na teoria de Hall. A etnia, como o gênero, é visível e, portanto, parte indelével, mas não única, da construção de identidades dos sujeitos.

Sendo assim, encontramos no discurso de Marilene Felinto, através da voz de Rísia, a representação de uma outra busca, a de uma unidade da fragmentação exposta da identidade dessa protagonista. Para isto, farei uma breve exposição da teoria do sujeito fragmentado de Stuart Hall, de como o sujeito fragmentado está sendo construído.

Na teoria de Hall, observamos que o sujeito pós-moderno pode resultar não em uma, mas em várias identidades. Para ele *as culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre 'a nação', sentidos com os quais podemos nos 'identificar', constroem identidades* que estão contidas nas histórias que são contadas à nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas (HALL, 2001, p.51). Contudo, deve-se considerar que *...as identidades nacionais foram uma vez centradas, coerentes e inteiras, mas que estão sendo agora deslocadas pelos processos de globalização.* (HALL, 2001, p.50).

A busca de uma identidade na ficção de Marilene Felinto parte justamente do aspecto da cultura nacional. Mas, nesse sentido, o que seria essa cultura nacional?

Para Hall, *as identidades nacionais representam vínculos a lugares, eventos, símbolos, histórias particulares* (HALL, 2001, p.76). O autor ainda considera o aspecto de que elas *...não são coisas com as quais nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação.* (HALL, 2001, p.48).

Em Felinto, essa cultura nacional é revelada pelas marcas de classe, etnia e gênero da narradora-protagonista. No que tange especificamente à questão da mulher negra em nossa cultura, vale considerar as palavras de Margareth Rago:

As mulheres negras têm sido as principais vítimas das discriminações e violências que pesam sobre as mulheres, às vezes pelas próprias mulheres. A herança colonial escravista, a mistificação da sexualidade das negras mulatas no imaginário social, o mito da democracia racial brasileira, mascarando as violentas e dissimuladas formas de discriminação contra elas (...). Assim como as questões da prostituição, do tráfico internacional de mulheres, do turismo sexual e da exploração sexual da infância, que crescem com grande velocidade, demandam debates sociais e políticas públicas urgentes. (RAGO, 2004, p.40).

Como bem aponta Rago, a mulher negra habita o extremo mais frágil do espectro social. Isso significa que elas têm que negociar seu senso de identidade a partir de dados diversos. Segundo Stuart Hall, quem se movimenta no palco contemporâneo é o sujeito provisório, senhor de identidades móveis constituídas continuamente em respostas à múltiplas interpelações culturais que nos rodeiam.

Identidades diversas sinalizando para diferentes alvos. Identidades intercambiantes prontas para emergir à medida que os sistemas exigirem. Este sujeito provisório vai encontrar ressonância perfeita na mulher negra, oriunda de uma classe desfavorecida economicamente que, para sobreviver às diferenças e ao lugar (a cultura nacional, especificamente, a brasileira cuja política sociocultural é sustentada pela diferença) desprivilegiado em que está – que não é o seu – , procura encontrar outras histórias, outras ficções em que o seu eu narrado seja mais aceito.

Analogicamente, é isto que acontece com Rísia: precisa contatar sua outra identidade. Ela precisa reencontrar-se com a sua cultura, sua origem, também, étnica: *minha avó era tão negra que arrastava* (p.20); *eu tinha cabelo duro* (p.72). Isso é necessário para estabelecer um diálogo que favoreça um projeto que ela acredita que se possa ainda *ser*. Este sujeito, que nos círculos familiar e social não consegue *ser* e que vive à margem de um discurso que não consegue comunicar plenamente *agora eu já não gaguejo mais, agora eu emudeço de vez ou falo em língua estrangeira* (FELINTO, p.40) vai se emaranhar no sertão do seu eu e vai aprofundando grandes indagações existenciais e metafísicas. Por isso segue por um caminho de *... babaçus, mocambos e sol árido* (FELINTO, p.32), rumo ao agreste onde espera encontrar as mulheres de Tijucopapo, que a ajudem a encontrar seu lugar que fora negado.

Dessa forma, na própria análise de uma identidade sobre a outra, quando uma consciência cai sobre si, neste movimento dialógico das identidades, a personagem parece que consegue refletir sobre o seu próprio existir, indo de encontro às referências das mulheres de sua família, do seu meio social, marcadas pelas categorias do patriarcado, racismo e capitalismo – faces de um mesmo modo de produzir e reproduzir a vida.

Assim, Marilene Felinto explora o jogo de emoções resultante do confronto que a personagem Rísia realiza no diálogo das suas identidades. A identidade pessoal de Rísia é uma montagem humana que se desagrega na sua cor, um dos elementos formadores de uma identidade fragmentária.

RESISTÊNCIA À SUBALTERNIDADE

*E eu não gosto das pessoas
que pedem. Eu gosto das
pessoas que conseguem.*

MARILENE FELINTO

O propósito deste capítulo é essencialmente investigar, no romance *As Mulheres de Tijuco Papo*, o olhar literário que acredito estar focado na questão discursiva da identidade de classe.

Para isto, a meu olhar volta-se majoritariamente para a figura de Rísia – narradora-protagonista –, a qual verbaliza a dupla marginalidade (de raça, de classe e de gênero). Desta forma, pensar a construção da identidade feminina, sem problematizar a questão de classe social é ignorar o fato que o gênero pode ser modificado pela classe.

Assim, refletir sobre a relação gênero/classe é inevitável ao ler o romance de Felinto. Quando Rísia narra as memórias de sua infância e quando focaliza o episódio de Manjopi *vergonha de minha vida (...) reflexos dos meus complexos* (p.20), ela percebe sua diferença social, e o relata para complexos recuperar este fato significativo na sua vida e que agora emerge em sua identidade.

O Brasil, um país singular na sua formação histórica, traz em si uma organização de classe heterogênea, onde convivem, no mesmo espaço, diferentes formas de economia e contradições gritantes de um capitalismo

cruelmente imposto, resultando em diferenças brutais de classe. Esta constituição social favorece abordagens que trabalhem com a questão de classe, problematizando o indivíduo nela inserida. Em uma sociedade tão complexa como a nossa, em constante turbulência, a identidade acompanha o dinamismo das relações sociais e as contingências que levam os indivíduos a buscarem caminhos diversos, construindo um percurso identitário.

Assim, procuro compreender a construção da personagem feminina, Rísia, levando em conta a sua inserção para filiá-la no terreno literário à questão do estabelecimento de um sujeito feminino e sua representação no mundo ficcional.

Apoiando-me no pressuposto de Pierre Bourdieu com relação à sociedade estratificada – um indivíduo não pode jamais ser definido apenas de um ponto de vista estritamente estático – e procuro compreender e dissecar esse mecanismo no discurso de Marilene Felinto.

Bourdieu, em *Condição de Classe e Posição de Classe*, inicia sua reflexão perguntando em que medida as partes constitutivas de uma sociedade estratificada formam uma estrutura e em que medida tais partes mantêm entre si outras relações além da mera justaposição. Mais precisamente, a posição no sistema completo das relações que determina o sentido de cada partícula. Ele diz que se levarmos a sério a noção de estrutura social é de supor que cada classe social possua propriedades de posição relativamente independentes de propriedades intrínsecas.

Essas propriedades de posição, e as de situação, só podem ser dissociadas por uma operação de espírito – só pelo simples fato de que a situação de classe pode também ser definida como posição e, sobretudo, porque a situação de classe define a margem de variação, em geral muito pequena, deixada às propriedades de posição.

Citando Wertheimer, onde a classe social é uma *parte*, ou seja, um elemento constitutivo determinado por sua integração numa estrutura, Bourdieu afirma que o sistema de critérios utilizados para definir esta ou aquela classe social numa pequena comunidade, uma vez aplicado a uma cidade grande ou à sociedade global, determinará uma categoria estruturalmente bem diferente.

Considerar propriedades de posição, segundo o autor, deve impedir os sociólogos de transferirem indevidamente esquemas descritivos e explicativos de uma sociedade à outra, ou a uma outra época da mesma sociedade. Quando Marx fala de objetivismo pequeno burguês, ou quando Weber atribui a cada classe ou a cada grupo de status como propriedades transitórias ou transculturais, ambos dão por resolvida a questão das condições da comparabilidade das leis gerais em sociologia, questão análoga à que se coloca à etnologia estrutural quando pretende comparar traços culturais inseridos em culturas de estruturas diferentes.

Se é verdade que duas classes, definidas por condições de existência e práticas profissionais idênticas ou semelhantes, podem apresentar propriedades diferentes quando, inseridas em estruturas sociais diferentes,

ocupam posições estruturalmente diferentes e, inversamente, se duas classes, caracterizadas por condições de existência e prática profissionais diferentes, podem apresentar propriedades comuns porque ocupam posições homólogas em duas estruturas diferentes, o estabelecimento de proposições gerais, transculturais e transitórias não pode resultar da simples aproximação de casos isolados do contexto histórico e social em que estão inseridos. A comparação só pode ser feita efetivamente entre estruturas equivalentes ou entre partes estruturalmente equivalentes das mesmas.

A força explicativa das proposições de tipo estrutural varia consideravelmente de acordo com a posição das classes sociais às quais são aplicadas, e conforme o grau em que as propriedades de posição são irreduzíveis às propriedades de situação. A posição de um indivíduo ou de um grupo na estrutura social não pode jamais ser definida apenas de um ponto de vista estritamente estático.

A abordagem estrutural permite captar traços transitórios e transculturais, que aparecem, com poucas variações, em todas os grupos com posições equivalentes. Pode-se sugerir que a pequena burguesia extrai inúmeras atitudes de uma posição de dupla oposição, em relação às classes superiores e em relação às classes populares. O rigor das classes médias apresenta uma afinidade estrutural com sistemas éticos ou religiosos que exaltam o trabalho, o esforço, a seriedade, a moderação e a poupança.

Quase impossível não nos surpreendermos diante da analogia entre as expectativas (freqüentemente difusas e confusas) que as crianças das classes

populares e médias trazem para o universo escolar e que, se explicitadas e sistematizadas, poderiam conduzir à reivindicação de uma pedagogia racional – fundada no estabelecimento de um contrato que define explicitamente aquilo que pode ser exigido, e na racionalização das técnicas de transmissão da cultura e do controle do saber – e as expectativas da burguesia ascendente em matéria de salvação: *nossa salvação é nossa própria obra; é uma recompensa e não um golpe do acaso* (Bourdieu, 2004).

Bourdieu alerta que não devemos identificar certos traços aparentes das camadas mais baixas da pequena burguesia, como um efeito puro e simples da organização e da prática burocráticas. Para ele, é fácil mostrar que esses traços, que podem também ser encontrados fora da situação burocrática, exprimem o sistema de valores implícitos ou explícitos que os membros das camadas inferiores das classes médias derivam de sua posição na estrutura social.

Seria necessário mostrar igualmente como as características das diferentes classes sociais dependem não apenas de sua posição diferencial na estrutura social, mas também de seu peso funcional nesta estrutura. Por isso, a pequena burguesia, composta por trabalhadores permanentes e não manuais, pode apresentar muitos traços que a aproximam das classes médias de sociedades mais desenvolvidas do ponto de vista econômico, como a inclinação para o ascetismo e para o moralismo.

O autor diz que é preciso estabelecer dois tipos de proposições transitórias e transculturais relacionando algumas características das classes

sociais. As proposições do tipo estrutural estabelecem regularidades ligadas a homologias de posição. As proposições pretensamente universais sobre as sociedades globais, ou sobre os grupos constitutivos destas sociedades, tais como as classes, não passam de classificações abstratas. Uma classe não pode jamais ser definida apenas por sua situação e por sua posição na estrutura social, isto é, pelas relações que mantém objetivamente com as outras classes sociais.

Max Weber, segundo Bourdieu, distingue a classe social enquanto um grupo de indivíduos que, por partilharem a mesma *situação de classe*, isto é, a mesma situação de mercado, possuem as mesmas chances típicas no mercado de bens e de trabalho, as mesmas condições de existência e de experiências pessoais, e os grupos de status que são conjuntos de homens definidos por uma certa posição na hierarquia da honra e do prestígio.

Mas esta ordem social deriva sua autonomia parcial da possibilidade de desenvolver sua própria lógica enquanto universo de relações simbólicas. Os grupos de status se definem menos por um ter do que por um ser, menos pela posse pura e simples de bens do que por uma certa maneira de usar estes bens. É por isso que, como observa Weber, *poderíamos dizer que as classes se diferenciam segundo sua relação com a produção e com a aquisição de bens, e os grupos de status, ao contrário, segundo os princípios de seu consumo de bens.* (WEBER Apud BOURDIEU, 2004, p.15).

As diferenças propriamente econômicas são duplicadas pelas distinções simbólicas na maneira de usufruir estes bens, ou melhor, através

do consumo, e mais, através do consumo simbólico (ou ostentatório) que transmuta os bens em signos. O autor observa, ainda pensando com Weber, que toda estilização da vida, seja qual for a forma sob a qual se manifesta, tem sua origem num grupo de status ou é mantida viva por um grupo de status.

Bourdieu adverte que nada mais falso do que acreditar que as ações simbólicas exprimem sempre a posição segundo uma lógica que é a mesma da estrutura social, a lógica da distinção. Desta forma, tudo se passa como se os sistemas simbólicos estivessem destinados pela lógica de seu funcionamento enquanto estrutura de homologias e de oposições.

Dentre todos os tipos de consumo e de conduta passíveis de abrigar uma função expressiva, são as roupas e os enfeites que, ao lado da linguagem e da conduta, melhor realizam a função de sociação e dissociação. A moda do vestuário é um processo que combina a individualização e a imitação que exprime de modo paradoxal a vontade de afirmar a particularidade pela busca da diferença última.

É uma lógica do mesmo tipo que regula os fenômenos de dissimulação observáveis no uso da língua. Como a busca mais explícita da distância se organiza segundo regras socialmente definidas, as condutas “distintas” estão para o sistema de procedimentos expressivos assim como as falas estão para uma língua. Em todas as línguas, há uma variante prestigiada, assim como um nível, o culto, em contraposição às variantes e níveis utilizados pelos ignorantes.

De fato, diversamente do sistema lingüístico propriamente dito, os sistemas simbólicos que podemos denominar expressivos, constituem sistemas hierarquizados que se organizam em torno de um termo fixo que pode ser as maneiras distintas do grupo de posição mais elevada, ou então, as maneiras comuns do grupo de nível inferior. O princípio dos sistemas expressivos consiste na busca da diferença, da distinção, no sentido de marcar de diferença que separa do vulgo por *um toque de elegância, nobreza e bom tom* (Bourdieu, 2004) A busca da diferença em matéria de linguagem pode conduzir à bifurcação lingüística pura e simples, pois as classes cultivadas usam uma linguagem distinta das classes populares.

Pierre Bourdieu nota que é preciso englobar na simbólica da posição de classe não apenas os procedimentos expressivos, mas também o conjunto dos atos sociais que, independente do nosso querer ou saber, traduzem ou revelam aos olhos dos outros uma certa posição na sociedade.

Ele afirma que os procedimentos expressivos enquanto atos subjetiva e intencionalmente destinados a exprimir a posição social, se opõem aos atos objetivamente expressivos, produtos de uma duplicação expressiva de significações de primeiro grau que os atos sociais devem necessariamente à posição na estrutura social daqueles que os efetuam.

Nem todas as classes sociais de todas as sociedades estarão igualmente disponíveis para o jogo da duplicação expressiva das diferenças de situação e de posição. De fato, as classes mais desfavorecidas do ponto de vista econômico não intervêm jamais no jogo da divulgação e da distinção.

O jogo das distinções simbólicas se realiza, portanto, no interior dos limites estreitos definidos pelas coerções econômicas e, por este motivo, permanece um jogo de privilegiados das sociedades privilegiadas.

A lógica das relações simbólicas impõe-se aos sujeitos como um sistema de regras absolutamente necessárias em sua ordem: as relações sociais não são jamais redutíveis a relações entre subjetividades movidas pela busca de prestígio ou por qualquer outra “motivação” porque elas não passam de relações entre condições e posições sociais que se realizam segundo uma lógica propensa a exprimi-las e, por este motivo, estas relações sociais têm mais realidade do que os sujeitos que as praticam.

Na obra em análise, Marilene Felinto tece a dor e a luta que a protagonista Rísia passa por pertencer a uma classe desfavorecida do ponto de vista econômico. Neste romance, a autora desvela a realidade econômica e social filtrada pela visão da narradora-protagonista, a qual, ferozmente, verbaliza a dor das injustiças sociais.

Nós éramos um a família tão pobre que eu acabei por não agüentar mais nos dias de domingo. (...). Quando chegou televisão na minha rua eu já era uma menina completamente enraivecida. Eu pedi esmolas de cuia na mão: – um tiquinho de arroz. Um pão, pelo amor de Deus. (p.93).

Rísia é um sujeito fundamentalmente marcado por sua classe proletária. A questão de classe é relevante no processo de construção da identidade. A personagem passa pela dor das injustiças sociais. São os fragmentos de toda uma conjuntura familiar e social a causa determinante, por exemplo, de Rísia

iniciar uma revolução que derrube não o meu guaraná no balcão, mas os culpados por todo o desamor que eu sofri e por toda a pobreza em que vivi. (p.133), visto que toda esta conjuntura a faz *dolorida como só a dor pode ser.* (p.51). Vemos, assim, o mundo externo que se apresenta aos olhos da protagonista como o mundo das desigualdades sociais, do abismo entre as pessoas, da solidão, dos problemas visíveis nas grandes cidades de nosso país. Analisando estes fatos, Rísia reflete:

O Higienópolis paulista é onde se bebem guaranás inteiros. E onde estão as pessoas que já leram os livros que li. E é isso que me dana. É saber que quem vai ler os livros que lerei não é Ilsa, a empregada doméstica, não é muito menos o esmoler na ponte. É essa gente que depois discutirá a goles de coca-cola inteira no Higienópolis paulista. (p.91).

Em suas reflexões, Rísia demonstra ter clareza a respeito das bases sobre as quais se alicerça a sociedade pós-colonial, oprimida, ainda, pelas velhas estruturas e seus corolários, tais como o analfabetismo, a má distribuição de renda; enfim, todos os conflitos e contradições de uma sociedade massacrada pela ilusão do capitalismo, que cria a idéia de que as oportunidades são para todos. Como afirmam João de Mello e Fernando Novais:

Nosso capitalismo combina concentração de riqueza e mobilidade social vertiginosa, concentração de renda assombrosa e ampliação rápida dos padrões de consumo moderno, diferenciação e massificação. Encontramos, pois, perante uma sociedade deformada, fraturada em três mundos: o dos ricos e privilegiados, da classe média e dos pobres e miseráveis,

mantidos à distância das condições de vida dignas que prevalecem para os privilegiados. (MELLO & NOVAIS, 1998).

Felinto não deixa de retratar realisticamente a vida e a sociedade estabelecida pela concorrência entre os indivíduos no âmbito do capitalismo, através do discurso de sua narradora. Assim, flagrado, o real busca, em olho de câmera, no movimento da consciência atormentada da narradora, uma explicação que talvez esteja onde *a praia encontra a lama* (p.28) para as desigualdades sociais e injustiças que viveu e vive.

O diálogo com o passado vai permitir-lhe a identificação de sua origem e simultaneamente – pensando com Hannah Arendt – permite a invenção de uma tradição cuja perda resulta no correspondente desenraizamento que a protagonista vive na grande cidade a que tenta resistir.

Sendo assim, Rísia quer que esta tradição venha das mulheres de Tijucopapo, mulheres guerreiras, de suas raízes. *Todas as idéias me remetem às mulheres de Tijucopapo. Vou iniciar as pessoas nas mulheres de Tijucopapo antes que eu me frustrre.* (p.56).

Ela quer para si e para os seus um passado heróico e quer criar para o seu povo uma herança de lutas e conquistas. Não quer para a sua classe a tradição de pessoas passivas, escravizadas e brutalizadas pelo outro - o que toma o guaraná inteiro - alusão à ordem econômica estabelecida que o Brasil sofre internamente:

... nós viemos de regiões assim, agrestes, de asperezas de alma, de docilidade nenhuma, de nenhum beijo e nenhum abraço, de tiquinhos de

comida na cuia e de lombrigas na barriga, e de sede, mamãe, de insolação e força no caminho para a escola, de não saber mais da própria vontade - de não saber se íamos à escola ou fazíamos alguma coisa da vida. (p.135).

É diferente ser uma mulher de classe média e ser uma mulher proletária: a classe modifica a identidade de gênero. *E a loucura é a margem que não suporto. A margem não.* (FELINTO, 1982, p. 193).

Constata-se, com isso, que a escritora, inovando a voz literária contemporânea numa linguagem singular, aglutinando o lirismo comovente, que se evidencia pelo seu tom épico acentuado no discurso da narradora, busca, em sua poética, instaurar a marginalidade para, através dessa alteridade, construir uma identidade. A identidade é construída, desta forma, em bases da alteridade como um projeto integrador na construção de um sujeito feminino participativo, a despeito de sua condição de migrante nordestina, desfavorecida economicamente, como descreve Regina Dalcastagnè:

... de uma personagem que recusa o silêncio e, enfim, se impõe, como se dissesse: calem a boca que agora é a minha vez. (...). Rísia não se submete, não se rende nem à fome, nem à opulência. Aí, talvez, a proteção maior. Ela erra, se engana, tropeça, mas se ergue sempre junto de sua raiva, que a mantém íntegra apesar de cindida. (DALCASTAGNÈ, No caminho de Tijucoapapo, p. 94 e 102).

A narrativa apresenta, desta forma, uma mulher forte, capaz de lutar pelos princípios em que acredita, não se submetendo às imposições de ordem social, econômica ou cultural.

Na entrevista concedida à revista *Caros Amigos*, podemos encontrar alguns indícios do processo de criação literária de Marilene Felinto, que podem ser iluminadores na leitura de *As Mulheres de Tijucoapapo*. Pensando na lógica das relações simbólicas, a questão especificamente lingüística, vale destacar que Bourdieu diz que há uma função de sociação e dissociação que *combina a individualização e a imitação que exprime de modo paradoxal a vontade de afirmar a particularidade pela busca da diferença última*. A busca pela sociação, pelo desejo de pertencer ao grupo de convivência, foi relevante quando a autora, assim como a personagem, migrou para São Paulo. Por exemplo, Felinto afirma:

Aí a gente teve que aprender a falar paulista porque a gente era discriminado na escola. Então, meus irmãos e eu sentávamos, todos pequenininhos, e começávamos a treinar paulista, porque a gente não agüentava mais ser discriminado na escola por causa do sotaque. Então, a gente fechava os “esses”, em vez de falar “é” falava “ê”, os “ós”.(...) A gente ficava horas sentada ali treinando a falar paulista. (Caros Amigos)

Néstor García Canclini, em *Contradições da América Latina* começa o capítulo com a seguinte hipótese: *“Tivemos um modernismo exuberante com uma modernização deficiente”*. Afirma que fomos colonizados pelas nações européias mais atrasadas, submetidos à Contra-Reforma e a outros movimentos antimodernos; apenas com a independência pudemos iniciar a atualização de nossos países. Desde então, acrescenta, houve ondas de modernização.

Canclini argumenta que no final do século XIX e início do século XX, houve vários movimentos modernizadores, tais como: difusão em massa da escola, contribuição de migrantes, intelectuais europeizados, industrialização, crescimento urbano, novas indústrias culturais, etc. Contudo, estes movimentos não puderam cumprir as operações da modernidade europeia, porque, conclui:

Não formaram mercados autônomos para cada campo artístico, nem conseguiram uma profissionalização ampla dos artistas e escritores, nem o desenvolvimento econômico capaz de sustentar os esforços de renovação experimental e democratização cultural. (CANCLINI, 1997, p.31).

Entende-se esta afirmação porque segundo Canclini, ser culto no sentido moderno é, antes de qualquer coisa, ser letrado, e em nosso continente isso era impossível para mais da metade da população em 1920.

Modernização com expansão restrita do mercado, democratização para minorias, renovação das idéias, mas com baixa eficácia nos processos sociais. Os desajustes entre modernismo e modernização são úteis, segundo o autor, às classes dominantes para preservar sua hegemonia, e às vezes para não ter que se preocupar em justificá-las, para ser simplesmente dominantes. Na cultura escrita, conseguiram isso limitando a escolarização e o consumo de livros e revistas.

Em *Das Utopias ao Mercado*, o autor observa que em sociedades modernas e democráticas, onde não há superioridade de sangue nem título de nobreza, o consumo se torna uma área fundamental para instaurar e

comunicar as diferenças. Exemplifica tal observação com a apreciação da arte moderna. Para isso, é necessário, diz Canclini, ter a mais, como competência suficiente para distinguir, por seus traços formais, uma paisagem renascentista de outra impressionista ou hiper-realista. Essa disposição estética, conclui o autor, serve à burguesia para afirmar que seus privilégios se justificam por algum dom, e não pela acumulação econômica, não como algo que se tem, mas ao que se é.

Este universo simbólico se choca com o analfabetismo da metade da população, e com estruturas econômicas e hábitos políticos pré-modernos, encontráveis ainda no terceiro mundo. Penso, aqui, no conceito de Pierre Bourdieu (1998). Segundo o autor, o conceito de campo poderia ser entendido como um espaço de produção de relações sociais objetivas, consideradas as interações instituídas entre os atores envolvidos neste processo. O autor atentou para a análise de posição ocupada por estes atores e suas condições sociais, que determinaram o nível das relações estabelecidas. De acordo com ele:

O campo da luta de produção simbólica é um microcosmo da luta simbólica entre as classes: é ao servirem os seus interesses na luta interna do campo de produção (e só nessa medida) que os produtores servem os interesses dos grupos exteriores ao campo de produção. (BOURDIEU, 2002, p.12).

Seguindo as mesmas idéias, a reação dos sujeitos seria estabelecida dentro dos limites deste universo simbólico. Este seria permanentemente elaborado e re-elaborado para servir aos interesses de grupos que estejam

em uma posição destacada, ou seja, as classes dominantes. Elas são co-responsáveis pela formação do seu campo de atuação, ditando as regras para os demais grupos que estejam numa inferior posição econômica e política.

Observando tais pressupostos, faço aqui uma reflexão sobre o sujeito feminino menos favorecido economicamente. Detenho-me na mulher que, por sua origem social, vem ao mundo com o destino sinalizado para servir aos interesses de grupos que estejam na classe dominante, pensando no microcosmo da luta simbólica bourdiano. O universo simbólico de tais grupos lhe é negado porque nele predominam tarefas prestigiadas que pertencem à escala da economia de produção. Desta forma, o sentimento de exclusão é a tônica que invade o cotidiano dessas mulheres. Já uma mágoa externada que acaba por se diluir no estaticismo diante da sociedade.

Ainda sob o conceito Bourdiano de campo simbólico, as relações de gênero nas famílias de classes baixas apontam para um sujeito masculino que dita as regras para um sujeito feminino marcado por uma longa história de constantes exclusões e humilhações. As regras que governam o espaço dessas relações dirigem-se à expectativa dos papéis sociais relacionados com os gêneros. Assim, aos indivíduos pertencentes ao gênero masculino cabe a expectativa de serem servidos, enquanto aos do gênero feminino, a de servir.

Sob a égide do sistema patriarcal, as mulheres são ensinadas que:

Ser mulher significa identificar-se com a maternidade e a esfera privada do lar, sonhar com um "bom partido" para um casamento indissolúvel e afeiçoar-se a atividades leves e delicadas, que exijam pouco esforço físico e mental. (RAGO, 2004, p. 31).

Obviamente este é um conceito falocêntrico de feminino que não se aplica às mulheres proletárias, embora a idealização burguesa percorra o imaginário das comunidades desprivilegiadas. Nas camadas marginalizadas economicamente, os desgastes relacionais são conseqüências da instabilidade cultural e econômica. Por isso, a família nuclear simboliza estabilidade e segurança, sensações almejadas em comunidades desprestigiadas. Sobre isto, Fátima Quintas afirma:

Difícil encontrar uma união que dure muitos anos e a recorrência à solidão se projeta entre as mulheres como um sentimento corriqueiro ao qual arremessam sistemáticos torpedos de desprezo. O temor de ficar sozinha subjaz ao apóio do companheiro/ marido à estrutura econômica da família. Todas estas ondulações são de importância maior para a estabilidade do grupo básico que vê na cooperação econômica um elo forte de sustentação. (QUINTAS, 2000, p.136).

Margareth Rago, em *Ser Mulher no Século XXI Ou Carta de Alforria*, numa avaliação otimista, declara:

... as mulheres não apenas entraram no mundo da cultura, dos negócios e da política, ou seja, conquistaram o direito à vida (...), mas também têm continuamente feminilizado as próprias formas da existência social, a partir de suas práticas e de seus milhares diferenciados, trazendo perspectivas promissoras, embora não exclusivas, de construção de um novo mundo. (RAGO, 2004, p. 33).

Penso que tais avanços ainda não foram destinados a uma grande porcentagem de mulheres pobres brasileiras. Os movimentos modernizadores descritos por Néstor García Canclini não chegaram à maior parte da nossa camada marginalizada. O efeito perverso de uma expansão restrita de mercado e democratização para minorias criou um contingente de homens e mulheres submetidos à esfera de exclusão social.

A história do trabalho, como nos lembra Rago, mostra que as trabalhadoras sempre foram alocadas em atividades muito menos valorizadas e mais mal remuneradas do que os homens, em qualquer país do mundo. Pode-se concluir que, embora a mulher desfavorecida economicamente tenha como modelo desejado a família nuclear à maneira do figurino burguês, vive uma dupla exclusão: primeiro, definidas numa divisão sexual de trabalho, decorrida das relações de gênero, as condições de sustentação econômica dessas mulheres limitam o acesso aos meios de sobrevivência (trabalho, propriedade, renda etc). Segundo, como decorrência do menor acesso a estes bens, estas mulheres convivem com desigualdades e instabilidades familiares, marcadas por padrões patriarcais.

Curiosamente, no mundo literário de Marilene Felinto, a face da sua protagonista revela um sujeito marcado pelo desejo de crescimento que seu meio não sustenta. Trata-se de um sujeito cuja identidade não encontra uma identificação nos círculos social e familiar (no passado e no presente) que a rodeia, mas aos quais se sente afetivamente ligada, principalmente ao passado, e do qual quer se desvincular, pois:

Por mais diferentes que as pessoas sejam umas das outras, nada as torna tão diferentes entre si do que eu vejo que não me pareço com elas. E isso me torna difícil. (p.70).

Diferindo da perspectiva intimista que predomina na literatura feminina, sem, contudo, desprezá-la, Marilene Felinto aponta em sua ficção para o movimento de abertura de fronteira, de ocupação de espaços. A autora foca sua personagem fora da cozinha, mais que isso: fora de casa, colocando-a numa longa viagem de idas e voltas ou em um ambiente neutro. Não restringe sua escritura a uma viagem interior, intimista, ela coloca sua narrativa e, conseqüentemente, a personagem Rísia, literalmente na estrada.

É interessante observar que transitar é vital para a personagem Rísia porque o espaço (presente) impossibilita uma possível identidade que não seja aceitável: *Tive de vir. Saí porque não havia lugar sequer que me coubesse...* (FELINTO, 1982, p.56). E se nessa “casa” não há um reflexo aceitável e coerente com a sua condição de mulher consciente, ela se rebela, mas é uma rebeldia que posteriormente revelará sentimentos ambíguos, às vezes de resistência/solidez:

Ah, se eu pudesse ser um bicho. Se eu pudesse ser um bicho eu seria uma égua, uma égua que saísse em disparada arrancando patacas de lama da campina encharcada ou fazendo poeira do barro seco das serras (...). Hoje eu sou, entre outras coisas, uma mulher que tentou ser égua e não conseguiu. (p.36).

Porém, esta mulher questionadora de seu meio quer se expressar até as últimas conseqüências, para recuperar uma identidade perdida e romper

com uma existência massificada. Quer, sobretudo, sair para entender a sua identidade através da sua diferença, de sua família: *mulheres tão sem nada*. (p.36).

Embora a protagonista deseje, sim, fazer parte do universo simbólico explicitado por Canclini, ela questiona, *a homogeneidade da cultura de consumo, que adapta, inclui, e faz com que tudo pareça acessível por meio da neutralização e da popularização*. (HUTCHEON, 1991, p.88 e 89). Assim, São Paulo, símbolo do perfil identitário mercadológico almejado na sociedade hiper-capitalista dos nossos dias, leva Rísia a questionar todo este sistema: *Em São Paulo eu só encontrei palavras em língua estrangeira, ou numa mudez impressionante. Em São Paulo eu quase me perdi*. (p. 81). Em São Paulo, onde tudo é “*dissonância*”, Rísia vai experimentar o “*cosmopolitismo dos esfolados*” como descreve Julia Kristeva ao analisar a condição do homem urbano contemporâneo que se tornou um estrangeiro de si e vive continuamente este sentimento de exclusão, de não fazer parte da sociedade.

O desejo de pertencer, no entanto, é conquistado por Rísia, que vai conviver com as luzes vermelhas da Avenida Paulista, vai participar da vida cultural do Bairro de Higienópolis, o bairro dos intelectuais e burgueses paulistas. Mas este “sucesso” pessoal, ela percebe que é falso porque, para isso, foi preciso adquirir uma identidade que não lhe cabia, enquanto a sua identidade, adquirida na infância, reclama insistentemente por uma luta maior: a de tomada de posição pela diferença.

Esta consciência revolucionária que busca a ampliação das fronteiras é a integração das diferenças e que vai exigir seu caminho de volta, o espaço que sabe ser seu, conquistado não só com as dores de sua infância, mas também com os jambos que toda tarde colhia no alguidar. Por isso, ela perfaz o caminho de volta para se unir ao seu povo e fazer a revolução para exigir o seu “guaraná inteiro” porque, em São Paulo, as pessoas podem tomar um guaraná inteiro enquanto que, na sua região de origem, só lhes restavam as sobras e as metades.

A narrativa de Marilene Felinto consiste em questionar as estruturas centralizadoras: o patriarcado (religioso, social, familiar) e o colonialismo cultural (hegemonia cultural) que transformam o seu discurso como discurso da diferença em si e por si mesmo. Esse discurso das diferenças leva indelevelmente a desejar para si e para as mulheres do seu meio, o sujeito feminino do século XXI, prenunciado por Margareth Rago: mulheres que, graças a sua posição de classe, já conquistaram um patamar de independência econômica que lhes possibilita acesso aos espaços sociais ainda fechados a mulher proletária.

Porém, cansada das estruturas centralizadoras, discutidas neste capítulo, o romance de Felinto, herdeiro do romance moderno, alcançando uma trajetória que vai de um realismo mimético a um realismo centrado no registro dos reflexos da realidade externa na consciência de uma narradora-protagonista que atua e sofre no seio de uma sociedade violenta, falocêntrica e, como tal, injusta, abre-se para a busca da imagem legendária das Mulheres

de Tijuco Papo. E é na herança dessas Mulheres que Rísia brada sua revolta e procura construir uma identidade feminina capaz de se fazer sujeito na e da sua história:

Essas mulheres, que não eram minha mãe, tinham a sina das que desembestam mundo adentro escanchadas em seus cavalos, Amazonas defendendo-se (...) aquelas mulheres são quem mais existe. São o nosso primeiro batalhão feminino armado. (p.131 e 134).

FINALIZANDO O DEBATE

A literatura contemporânea brasileira abre-se para um novo espaço no cenário cultural: a narrativa desenraizada que busca construir sua identidade social exigindo o engajamento do sujeito no mundo; que revela este sujeito e vela ao mesmo tempo. A partir da convicção de que a linguagem não é transparente, os escritores investem em revelar este fato e, desta forma, abrir caminhos para que o leitor possa chegar à matéria narrada. Os narradores, assim, convidam seus leitores a invadir o espaço privado da narrativa sem nenhum constrangimento.

É nesse painel literário da década de 80, que Marilene Felinto, pernambucana de Recife, expõe sua narradora-protagonista, Rísia. Nessa ficção há o trabalho com a divisão em planos e o conflito subentendido entre matéria e técnica, engajamento social e experimentalismo literário.

O livro, *As Mulheres de Tijucopapo*, primeiro romance da autora, foi publicado em 1982. Ganhador de um dos prêmios mais significativos da literatura brasileira, o Jabuti, concedido pela Câmara Brasileira do Livro, na categoria revelação do autor, confirmou o talento e a singularidade da autora.

A narrativa, escrita em tom visceral, delineia uma narradora-protagonista dilacerada, mas heróica, que está a caminho de Tijucopapo para (re)desenhar uma identidade contrária à ordem social implantada em nosso país. Com uma escrita densa, comandada pela voracidade, onde uma vertiginosa ira impulsiona Rísia a negar uma identidade que não lhe cabe

mais, pois: ... *não sou de agüentar a margem da vida. Na margem sou fio que se quebra*. Pode-se observar, assim, que seu discurso aponta na direção de uma realidade relacionada à construção de uma identidade feminina, voltada para uma prática que critica o patriarcado tanto na ordem de gênero, quanto na ordem social.

Marilene Felinto tece, nesta obra, uma narrativa que desnuda Rísia, à procura de uma identidade. Ela vive no seio de uma sociedade violenta, falocêntrica e, como tal, injusta. Como não encontra resposta em seu meio, vai em busca da imagem legendária das Mulheres de Tijucopapo. E é na herança dessas mulheres que Rísia brada sua revolta e procura construir uma identidade feminina capaz de se fazer sujeito na e da sua história.

Assim, o texto de Felinto consiste em questionar as estruturas centralizadoras: o patriarcado (religioso, social, familiar) e o colonialismo cultural (hegemonia cultural) que transformam o seu discurso como discurso da diferença em si e por si mesmo.

Desta forma, é possível constatar, em sua poética, a denúncia das contradições de classe, geradas pela acumulação capitalista internacionalizada, que produz movimentos migratórios em escala local, como foi o caso de Rísia e seus parentes que migraram para São Paulo, em busca de melhores condições de vida. Esta migração trouxe um efeito problemático: a fluidez identitária que, no romance, se revela maior, complexificando o debate sobre a constituição do sujeito feminino e a problemática das identidades de gênero.

Objetivo desta pesquisa foi analisar a representação do feminino em *As Mulheres de Tijucopapo*, de Marilene Felinto. Este romance permitiu-me refletir sobre a construção de um sujeito feminino, cuja constituição é marcada fundamentalmente pelo gênero, etnia e classe.

A narradora instaura a marginalidade para, através dessa alteridade, reconstruir uma identidade. Aqui se evidencia a tessitura dos antagonismos de classe, etnia e gênero no interior de um grupo social. Em seu texto, há crítica aos campos simbólicos estabelecidos.

Desta forma, na voz de Rísia, há a denúncia de um contexto de capitalismo globalizado, onde florescem comportamentos individualistas que conduzem à exacerbação dos comportamentos de gênero, etnia e classe. Este solo econômico, político e cultural é particularmente propício para o ressurgimento de práticas conservadoras ligadas a autoritarismos, etnicismos e sexismos, narrados em espaços memoriais no romance, para a fundação da identidade da protagonista.

Assim, a literatura de Felinto alude aos reflexos da crise econômica dos anos oitenta, que atinge, ainda hoje, ao conjunto das classes trabalhadoras, com repercussões piores para a população feminina e negra, em termos de oferta de emprego e de distribuição de renda. Um bom exemplo disso é o acesso à educação. Embora tenha havido um sensível aumento nas oportunidades educacionais para os negros, ainda existem grandes desigualdades, o que aponta para uma perspectiva pessimista em termos da participação no mercado de trabalho deste segmento populacional nos

próximos anos. Cabe ressaltar que esta perspectiva atinge o conjunto da classe trabalhadora, considerando-se os efeitos negativos da globalização do mercado em curso na economia. Contudo, quando se levam em conta os antagonismos étnicos e de gênero, observa-se que os efeitos do capitalismo são maiores para as mulheres negras.

A tendência da economia, a partir da reestruturação ocorrida no processo de globalização, aponta para uma exclusão ainda maior das negras, em especial no setor terciário, onde a competitividade com os brancos as deixa em situação de enorme desvantagem. Esta desvantagem diz respeito ao perfil educacional, bem como a critérios de seletividade baseados em quesitos como “boa aparência”. Aqui, a discriminação étnica e de gênero aparece com toda sua perversidade. Os traços fenotípicos anunciadores da ascendência africana atuam com estigma, sobretudo nas camadas populares, deixando a nu o preconceito.

Assim, a contemporaneidade caracteriza-se por um contexto de tendências globalizantes; contudo, necessariamente, permeada por particularismos e localismos. Enfim, o processo de transnacionalização verificado no mundo do trabalho e da cultura é mesclado pela presença da alteridade e do múltiplo.

Ao longo da narrativa, Marilene Felinto enfatiza a necessidade de pluralizar a realidade da mulher negra, oriunda de uma classe desprivilegiada do ponto de vista econômico. Assim, a redefinição identitária cumpre, nesta obra, a magnitude sócio-política: o tornar-se mulher sujeito constitui um

processo extremamente complexo e contraditório, perpassado por ambigüidades. Este processo, no caso da mulher posta à margem, necessariamente, é matizado pela reafirmação da identidade oriunda do eurocentrismo e do ponto de vista étnico dos brancos.

Ao ler *As Mulheres de Tijucopapo* e discutir a identidade do sujeito feminino, é primordial salientar que não se pode falar em identidade como algo fixo, acabado; enfim, dado. Os modelos de ser, sentir, pensar e agir dos indivíduos e grupos formam um mosaico de diversidades, constituindo identidades multifacéticas, como no caso da protagonista. Deste ângulo de análise das identidades e, portanto, da constituição dos sujeitos, sobressaem a contradição e a idéia de permanente movimento de construção, desconstrução e reconstrução como traços consubstanciais.

É nesse sentido que pude verificar que Rísia, no processo de desconstrução/construção/reconstrução de uma identidade, contesta a modelagem estabelecida. O que torna o romance interessante e instigante. Observa-se na obra em análise, que a narradora-protagonista inaugura novas práticas desafiadoras do *status quo* e produz, assim, um contradiscurso. Tenta recriar, sob o empoderamento das guerreiras de Tijucopapo, novos saberes e fazeres subversivos, na direção do que Bourdieu denomina revolução simbólica (1980). E, assim, põe em questão o que estava posto como dado e fatalidade, desmonta a falácia do conformismo e da submissão dessas categorias sociais. Introduce e reafirma as diferenças e a pluralidade, contra a intolerância à alteridade e a desqualificação do que não segue o

modelo baseado na supremacia dos homens, dos brancos e das classes economicamente privilegiadas. Assim, através deste romance, verifiquei que a pluralidade multifacética torna-se o alicerce de todas as temporalidades históricas, que nenhuma cultura, mesmo na era da globalização, conseguiu diluir.

A análise da obra aponta na direção da multiplicidade do sujeito feminino. A partir da pesquisa realizada para este trabalho, observei que o ser mulher mostra-se em diversas dimensões, tal como um mosaico: como negra, pobre, empregada doméstica, mãe, esposa, filha, amiga, etc., revelando arcaicas e novas de formas dizer/fazer/saber femininos.

Neste sentido, os saberes femininos são fundados na própria experiência, no conhecimento vivencial através da troca com outros sujeitos. Porém, pouco organizados, estes saberes não são valorizados por elas próprias. Resultam, portanto, em vivências de medo, frustrações e sensações de incapacidade e/ou fracassos, causando-lhes ambivalência ou ambigüidade e sensação de insatisfação, que não conseguem localizar ou, até mesmo, explicitar.

Contudo, a identidade do sujeito feminino envolve de forma contraditória dimensões de experiências de acomodação e rebeldia, onde a adoção de formas de saberes, dizeres e padrões femininos de comportamento podem constituir-se em estratégia de resistência a contextos mais amplos de opressão. No mínimo, este tipo de identidade, com potencial revolucionário, pode remeter a algum ganho, ainda que mais pontual. Estes ganhos podem

contribuir para a desconstrução do ideal tradicional de ser mulher e oferecer elementos para a reconstrução do feminino, através de novas referências identitárias (assim, engendrar-se-á um novo capital simbólico).

Um ponto fascinante nessa trilha percorrida com Rísia foi observar que as referências identitárias aludem não apenas a aspectos fenotípicos e ao lugar ocupado na estrutura de classes, mas também a um complexo conjunto de elementos relacionados aos modos de vida e a valores, crenças e práticas sócio-culturais, como a vivência da sexualidade, do ciclo vital e da religiosidade. Atravessando as distintas configurações estudadas das conexões gênero-etnia-classe, ficaram claras as posições hierárquicas vivenciadas nas experiências de Rísia e das mulheres do seu círculo familiar e social. Estas experiências formam múltiplas dimensões da identidade e, portanto, encontrar-se-á, nesta obra, um sujeito múltiplo.

Considerando-se a coexistência de múltiplas identidades – de classe, de gênero e étnica -, vale ressaltar que um dos anseios formulados por Rísia diz respeito à expectativa de ascensão econômica e integração/aceitação na sociedade, como mulher negra oriunda de uma classe social marcada pelo patriarcado e pela diferença de classes. Isto equivale dizer que o legado histórico definidor do lugar social ocupado hoje na estrutura social, associado a uma identidade cultural construída/vivenciada a partir da subalternidade, determina a proeminência dos referentes identitários de classe/etnia, em relação aos de gênero. Tal fato indica que permanecem na ordem do dia as

mesmas reivindicações do passado servil, deixando a uma enorme dívida social.

Assim, a identidade de Rísia se constrói/destrói/reconstrói – e necessariamente se entrelaça com outras identidades – nos processos vivos de acontecer das relações familiar e social.

O caminho percorrido por Rísia mostra prática, mais do que de passividade e acomodação, de relações de poder em grandes e pequenas escalas, quer no ângulo de classe, quer no de gênero. Logo, parece provável que se possa concebê-la como ativa participante da trama social, introduzindo cunhas na forma de poder hegemônico. Pode-se concluir, portanto, que este poder constitui um elemento transversal – intrinsecamente relacional, posto que consubstancial a qualquer relação social – mas não absoluto, imutável.

No trabalho realizado, conclui-se que, não obstante os percalços pelos quais passa Rísia, no seu percurso de vida e das feridas abertas narrados nos incidentes inscritos em *As Mulheres de Tijucoapapo*, a protagonista tece saídas. A narrativa da obra de Marilene Felinto denota, contudo, que a despeito de trazer à tona o discurso de uma mulher oriunda de uma classe socialmente excluída, sua experiência de resistência como luta individual e solitária, torna real a possibilidade da contestação, da rebeldia e da subversão da ordem estabelecida. É a mulher brasileira que tenta (re)construir sua identidade dentro dos impasses socioculturais.

Sendo assim, a prosa de Marilene Felinto no romance *As Mulheres de Tijucoapapo*, alertou-me para mais uma forma de ampliar o conhecimento a

respeito da mulher que tenta (re)construir sua identidade dentro dos impasses socioculturais causados pelas profundas mudanças históricas da contemporaneidade. Na tessitura das marcas de identidade, o romance costura uma mulher que narra um discurso com gosto de vidro e corte, uma narrativa que é regida pelo regime da voracidade. Mas em meio a esse transbordar para fora, há também o deslimite do amor para se juntar às suas mulheres, para se juntar novamente com o verdadeiro de si. Enfim, possibilita abrir fendas e gerar possibilidades inovadoras ao sujeito feminino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Adorno, Theodor W. Posição do narrador no romance contemporâneo
In: _____. *Textos escolhidos*. São Paulo: Abril cultural, 1980.

Almeida, Suely S. *Femicídio: algemas (in)visíveis do público-privado*.
Rio de Janeiro: Revinter, 1998.

Arendt, Hannah. *Origens do totalitarismo. Anti-semitismo, instrumento
de poder*. Rio de Janeiro, Documentário, 1975.

Bhabha, Homi K. *O local da cultura*. London; Belo Horizonte, UFMG,
2003.

Badinter, Elisabeth. *XY: Sobre a identidade masculina*. Trad. Maria
Igues Duque Estrada. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1993.

Balibar, Etienne & Wallerstein, Immanuel. *Race, Nation, Classe: Lês
Identités ambigües*, Paris: Editions La Découverte, 1988.

Benjamim, Walter. *Magia e técnica e política: ensaios sobre literatura e
história da cultura*. Trad. Sérgio Paulo Rouanet. São Paulo: Brasiliense, 1985.

_____. *A modernidade* In: _____. *A modernidade e os
modernos*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1975.

Bourdieu, Pierre. *A dominação masculina*. Rio de Janeiro: Bertrand
Brasil, 1999.

_____. *A economia das trocas simbólicas*. São Paulo:
Perspectiva, 2004.

_____. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2004.

Canclini, Néstor Garcia. *Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da modernidade*. São Paulo: Edusp, 2006.

Ciampa, Antônio C. *Identidade*. In: Lane, Silvia T.M. & Codo, Wanderley (orgs.) *Psicologia social: o homem em movimento*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

Debieux, Miriam. *A psicanálise frente à questão da identidade*. Revista: Psicologia e Sociedade; V.10 – n.1. ABRAPSO, 1998.

Eriksen, Thomas H. *Ethnicity & nationalism: anthropological perspectives*. Pluto Press, 1993.

Felinto, Marilene. *As mulheres de tijuco-papo*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

Fernandes, Florestan. *A integração do negro na sociedade de classes*. 3ª ed. São Paulo: Ática, Ensaios 34, vol. 1 e 2, 1978.

_____. *Significado do protesto negro*. São Paulo: Cortez; Autores Associados, 1989. (Col. Polêmicas do nosso tempo; vol.33).

Fernandes, Ronaldo Costa. *O narrador do romance*. Rio de Janeiro: Sete Letras, 1996.

Fletcher, John; Bradbury Malcom. *O romance de introversão*. In: *Modernismo: guia geral (1890-1930)*. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

Giddens, Anthony. *As conseqüências da modernidade*. Tradução: Raul Fiker. São Paulo: UNESP, 1991.

Gilligan, Carol. *In a different voice: psychological theory and women's development*. Cambridge: Harvard University Press, 1982.

Hall, Stuart. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG; Brasília: Representação da Unesco no Brasil, 2003.

Hasenbalg, Carlos A. *Notas sobre relações de raça no Brasil e na América Latina*. In: Holanda, Heloisa Buarque de. (org.). *Encontro Latino-americano sobre gênero e raça. y nosotras latinoamericanas: Estudos sobre gênero e raça*. São Paulo: Fundação Memorial da América Latina, 1992.

_____. & Silva, N. *Relações raciais no Brasil contemporâneo*. Rio de Janeiro: Rio Fundo/ IUPERJ, 1992.

Hutcheon, Linda. *Poética do pós-modernismo: história, teoria e ficção*. Trad. Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

Ianni, Octavio. *Escravidão e Racismo*. São Paulo: Hucitec, 1988.

_____. *A racialização do mundo*. Tempo Social; Revista de Sociologia, USP, São Paulo, nº 8(1), 1996.

Kristeva, Júlia. *Estrangeiros para nós mesmos*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

Lauretis, Teresa. *A tecnologia de gênero*. In: Hollanda, Heloisa Buarque de. (Org.). *Tendências e impasses: o feminismo como crítico da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

Lefebvre, Henry. *The survival of capitalism: reproduction of the relations of production*. London: Allison and Busby, 1976.

Lovell, Peggy A. *Raça e gênero no Brasil*. Lua Nova, revista de cultura e política, nº 35, 1995, CEDEC (Desigualdades).

Mello, João Manuel C. de e Novais, Fernando A. *Capitalismo tardio e sociedade moderna*. In: Schwarcz, Lilia Moritz (org). *História da vida privada no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

Mercadante, Elisabeth Frohlich (1970). *A construção da identidade e da subjetividade do idoso*. Tese de Doutorado. São Paulo, PUC - SP, 1997.

Rago, Margareth. *Ser mulher no século XXI ou carta de alforria*. In: Venturi, Recamán Marisol e Oliveira, Suely de (org).- 1. Ed. - São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

Ribeiro, Matilde. *Relações raciais nas pesquisas e processos: em busca de visibilidade para as mulheres negras*. Gustavo Venturi, Marisol Recamón e Suely de Oliveira. (Orgs.). *A mulher brasileira nos espaços público e privado*. – 1. Ed. – São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004.

Saffioti, Heleieth I.B. Vargas Muñoz Vargas, M. (Orgs.). *Mulher brasileira é assim*. Rio de Janeiro: NIPAS; Brasília, UNICEF, 1994.

_____. *A mulher na sociedade de classes: mito e realidade*. São Paulo: Livraria Quatro Artes Editora, 1978.

_____. *O poder do macho*. São Paulo: Moderna, 1987.

_____. “*Movimentos Sociais: face feminina*”. In: carvalho, Nanci Valadares de (Org.). *A condição feminina*. São Paulo: Revista dos Tribunais/ Vértice.

_____. “A Síndrome do pequeno poder.” In: Azevedo, M. A. e Guerra, V.N.A. (Orgs.). *Crianças vitimizadas: a síndrome do pequeno poder*. São Paulo: Iglu, 1989.

_____. *Novas perspectivas metodológicas de investigação das relações de gêneros*”. In: Moraes Silva, M.A. (Org.). *Mulher em seis tempos*. Araraquara: Faculdade de Ciências e Letras, Unesp, 1991.

_____ e Almeida, S.S. (1.995). *Violência de gênero: poder e impotência*. Rio de Janeiro: Revinter, 1995.

_____. “No fio da navalha: violência contra crianças e adolescentes no Brasil atual”. In: Madeira, Felícia R. (Org.). *Quem mandou nascer mulher?* Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos/ Unicef, 1996.

_____. “Equidade e paridade para obter igualdade”. *O social em Questão*, n.1. Revista do Programa de Mestrado em serviço social da PUC – Rio, jan./jun., 1997.

_____. *Gênero e patriarcado*. Inédito, 2001.

_____. *Violência doméstica sob a Lei 9.099/95*. Relatório apresentado ao CNPq, 2003.

_____. *Gênero e patriarcado: violência contra mulheres*. In: Gustavo Venturi, Marisol Recamón e Suely de Oliveira. (Orgs.). *A mulher brasileira nos espaços público e privado*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 1a. Ed. 2004.

Schwantes, Cíntia. *Interferindo no cânone: a questão do Bildungsroman feminino com elementos góticos*. Tese de doutorado, UFRGS, 1997.

Scott, Joan Wallach. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. In: *Educação e Realidade*. Porto Alegre, 1989.

Tacca, Oscar. *As vozes do romance*. Coimbra: Livraria Almedina, 1983.

Tadié, Jean Yves. *O romance do século XX*. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1992.

Vianna, Lúcia Helena. *Um sopro todo seu. De Clarice e suas irmãs contemporâneas*. Revista Gragoatá, Niterói, edição nº 3, p.86, 2º sem/1.997.

Zinani, Cecil. *A constituição da identidade feminina em a mulher habitada*. Porto Alegre, 2003.

ABSTRACT

This dissertation aimed to analyze the representation of the feminine in *As Mulheres de Tijucoapapo*, by Marilene Felinto. The novel, written in 1982, points to the questioning of a hegemonic ideology in three social identities: centered in gender, in ethnic issues and in social class. We departed from the hypothesis that, considering multiple identities – of class, gender, and ethnic – the identity of the narrator - heroine, Rísia, constructs/destroys/ reconstructs itself in the lively processes of being of the family and social relationships. The analysis of this novel, under a feminist perspective, makes possible a discussion on the construction of an identity of the feminine, plus ethnic and class issues, within the context of the conservative modernization. Thus, it opens space to the discussion of the woman who, despite her marginalized position in a social organization based in the hierarchization of the social places and in gender inequality, is nevertheless able to introduce wedges in the hegemonic power.

Key words: Gender, feminism, class, ethnicity.